

TERRITORIALIDADES
LGBTQIAP+

VIOLÊNCIA LGBTFÓBICA NA CIDADE DE SÃO PAULO

LIMITES AO DIREITO À CIDADE
DA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+

Realização

InstitutoPólis

Apoio



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Violência LGBTfóbica na cidade de São Paulo: limites ao direito à cidade da população LGBTQIAPN+ [livro eletrônico] / organização Rodrigo Faria Gonçalves Iacovini, Vitor Coelho Nisida -- São Paulo: Instituto Pólis, 2024.

[equipe de pesquisa] Bárbara Montalva, Cássia Caneco, Isabella Alho, Lara Cavalcante, Rodrigo Iacovini, Sarah Esli, Vitor Nisida.

Bibliografia
ISBN 978-85-7561-101-2

1. Cidades - Aspectos sociais 2. Diversidade sexual 3. Gênero e sexualidade
4. Homofobia 5. Identidade de gênero 6. LGBTQIAPN+ - Direitos fundamentais 7. Violência urbana - São Paulo (SP)
I. Cavalcante, Lara. II. Alho, Isabella. III. Caneco, Cássia. IV. Esli, Sarah. V. Montalva, Bárbara. VI. Iacovini, Rodrigo Faria gonçalves VII. Nisida, Vitor Coelho. VIII. Série.

24-211633

CDD-305.381

Índice para catálogo sistemático

1. LGBTQIAPN+ : Violência : Sociologia 305.381

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB 1/3129

Realização

Instituto Pólis

Diretoria

Cássia Caneco
Henrique Botelho Frota
Rodrigo Faria G. Iacovini

Coordenação Geral

Rodrigo Faria G. Iacovini

Coordenação de Pesquisa

Vitor Coelho Nisida

Equipe de Pesquisa

Lara Cavalcante
Isabella Alho
Cássia Caneco
Sarah Esli
Bárbara Montalva

Redação e Revisão

Vitor Coelho Nisida
Lara Cavalcante
Isabella Alho
Rodrigo Faria G. Iacovini

Diagramação

Lara Cavalcante
Isabella Alho
Vitor Coelho Nisida

Projeto Gráfico

Marina Dahmer

Comunicação

Bianca Alcântara
Inara Novaes
Júlia dos Santos de Pádua

Agradecimentos especiais a Dennis Pacheco, Olinda Luiz e Rejane Gonçalves pelo diálogo e pelas contribuições ao longo da pesquisa. A responsabilidade das análises é, no entanto, inteiramente da equipe do Instituto Pólis.

Apoio

IPHAN SP

ÍNDICE

Duas lentes sobre o mesmo fenômeno	p. 10
Padrão territorial da LGBTfobia	p. 12
Taxa populacional das vítimas de LGBTfobia por distrito	p. 14
Concentração das ocorrências LGBTfóbicas	p. 16
Área central: foco da violência e da sociabilidade LGBTQIAPN+	p. 18
Vítimas do sexo feminino são maioria fora da região central	p. 20
Vítimas do sexo feminino são maioria em distritos de menor renda	p. 22
Residência e via pública: principais locais das violências	p. 24
Perfil das vítimas na residência e nas vias públicas	p. 26
Noite e madrugada: ocorrências LGBTfóbicas mais violentas	p. 28
Tipos de violências e tipos de ocorrências de LGBTfobia	p. 30
Perfil racial das vítimas e subnotificação da raça/cor da pele	p. 32
Raça das vítimas transexuais	p. 34
Raça das vítimas agredidas por policiais	p. 36
Raça das vítimas por tipo de violência e tipo de ocorrência	p. 38

O que se sabe sobre quem agride	p. 40
Vítimas de LGBTfobia com até 19 anos de idade	p. 42
Vítimas de LGBTfobia com até 29 anos de idade	p. 44
Violência LGBTfóbica ao longo do tempo	p. 46
2015 a 2023: aumento expressivo dos registros de LGBTfobia	p. 48
Aumento do acesso à denúncia pela delegacia eletrônica	p. 50
Orientação sexual e identidade de gênero das vítimas de LGBTfobia	p. 52
Ocorrências de LGBTfobia: sínteses dos dados da Seg. Pública	p. 54
Violências LGBTfóbicas: síntese dos dados da Saúde	p. 56

APRESENTAÇÃO

A cidade só será plenamente boa para uma pessoa quando for boa para todes! Por acreditar nisso, o Instituto Pólis luta, desde 1987, pelo Direito à Cidade de todes, realizando análises e proposições para a construção de cidades mais justas, democráticas e inclusivas. No âmbito do projeto *Territorialidades LGBTQIAPN+*, apoiado pelo IPHAN SP e por Pão Para o Mundo (PPM), buscamos entender como a população LGBTQIAPN+ vivencia a cidade de São Paulo hoje e de que maneiras ela acredita que essa vivência pode ser melhorada.

O presente estudo desnuda a face mais cruel da capital paulista: a violência LGBTfóbica que cotidianamente mata, fere e traumatiza nossa população. Entender a dimensão do problema é apenas parte do nosso trabalho, por isso em breve lançaremos propostas de como mudar essa realidade.

Siga junto da gente para reivindicar a ampliação do direito à cidade da população LGBTQIAPN+. **Vamos transformar o luto em verbo e irradiar nosso brilho a partir de nossas territorialidades para a cidade como um todo!**

INTRODUÇÃO

Esta síntese traz os primeiros resultados de um estudo mais amplo sobre violências LGBTfóbicas na cidade de São Paulo (SP). Embora os levantamentos aqui apresentados se refiram apenas à capital paulista, suas leituras colaboram com o debate público de interesse geral, mais abrangente e com potencial de subsidiar políticas voltadas à promoção de cidades mais seguras, mais democráticas e mais acolhedoras para a população LGBTQIAPN+ em todo o Brasil.

O que aqui se entende por *violências LGBTfóbicas* correspondem **(1) às ocorrências registradas via Boletim de Ocorrência (B.O.) pela Polícia Civil de São Paulo e classificadas como intolerância de “homofobia/transfobia” e (2) às violências notificadas pelos serviços de saúde ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do DataSUS identificadas pela motivação “homofobia/lesbofobia/ transfobia”**. Os dois bancos de dados são públicos e foram obtidos via Lei de Acesso à Informação e por consultas em plataformas de dados abertos.

É importante frisar que a violência LGBTfóbica apresentada neste estudo não diz respeito exatamente à interpretação do Judiciário brasileiro sobre o “crime de homofobia e transfobia”, o qual, desde 2019, passou ser classificado como crime de racismo por decisão do Supremo Tribunal Federal.

Também vale destacar que não são todas as dimensões das violências LGBTfóbicas que podem ser descritas e analisadas por essas bases consultadas. Os dados aqui sistematizados só captam uma parcela do fenômeno da *violência LGBTfóbica*: a base da *Segurança Pública* registra apenas aquilo que é formalmente denunciado em Boletins de Ocorrência, podendo incluir injúrias ou até homicídios, enquanto a base da *Saúde* registra as notificações dos casos que geraram alguma demanda ao sistema de saúde, como violências físicas, sexuais, psicológicas, dentre outras. Isso não corresponde, portanto, ao universo total de violências LGBTfóbicas que ocorrem diariamente na cidade de São Paulo, que certamente é maior do que o conjunto analisado aqui. A seguir, apresentamos os principais resultados encontrados.

DUAS LENTES SOBRE O MESMO FENÔMENO

Os dois bancos de dados captam de forma diferente o fenômeno da LGBTfobia. Os dados da Saúde registram as violências mais graves que geraram demanda de atendimento no sistema de *Saúde: violências físicas, sexuais, psicológicas*, etc. Já os dados da Segurança Pública demonstram as ocorrências que foram denunciadas via boletim de ocorrência à Polícia Civil do Estado de SP, sejam elas provocadas por agressões verbais, simbólicas ou físicas.

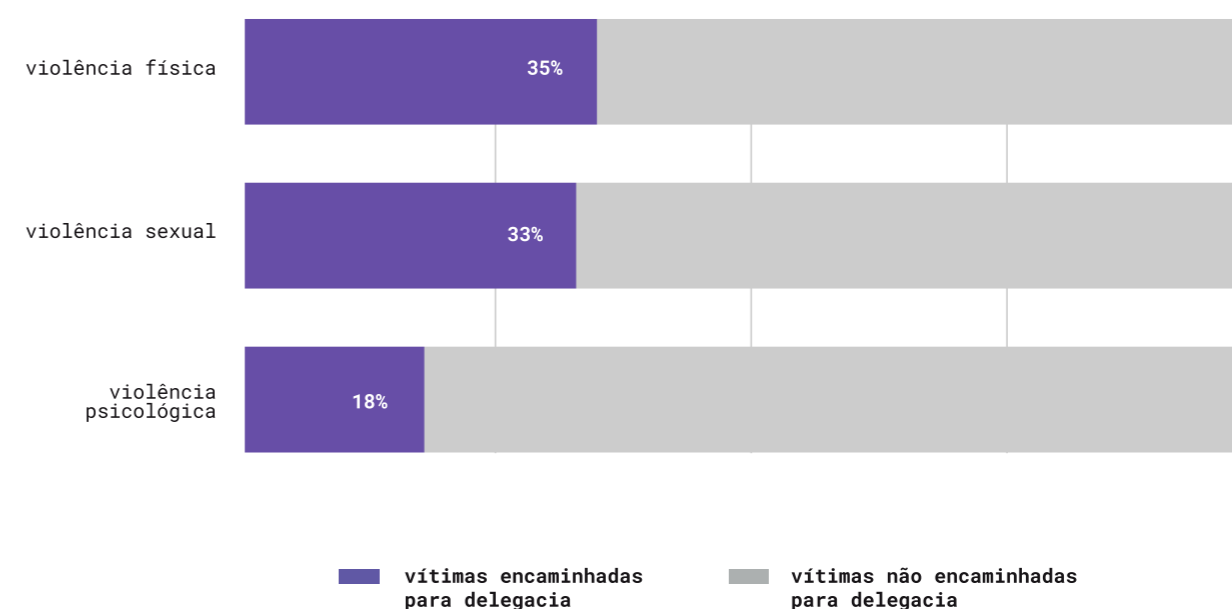
Nem toda violência LGBTfóbica chega ao sistema de Saúde e nem toda ocorrência LGBTfóbica é registrada nos meios de denúncia da Segurança Pública.

Seguindo o mesmo raciocínio, **nem toda violência que é atendida por um serviço de saúde é, devidamente, notificada a autoridades policiais** para que se faça o registro da ocorrência.

Entre 2015 e 2022, a Segurança Pública registrou **525 casos** de **lesão corporal** e **violência doméstica** em ocorrências classificadas por “homofobia/ transfobia”. No entanto, a *Saúde* atendeu um total de **1.147 vítimas** de **violências físicas** no mesmo período.

Outros exemplos: no mesmo período, foram denunciados à Polícia Civil apenas **3 casos de violência psicológica** e **6 estupros**, mas a *Saúde* atendeu **733 vítimas** de **violência psicológica** e **269** de **violência sexual**.

SAÚDE
Vítimas encaminhadas para delegacia



O PADRÃO TERRITORIAL DA LGBTFOBIA REGISTRADA PELA SEGURANÇA PÚBLICA É DIFERENTE DA REGISTRADA PELO SISTEMA DE SAÚDE

A espacialização do total de vítimas por distrito da ocorrência demonstra que as **violências motivadas por “homofobia/ lesbofobia/ transfobia” registradas pela Saúde se concentram principalmente em distritos mais periféricos**, como:

1. Itaim paulista, 123 vítimas
2. Cid. Tiradentes, 103
3. Jd. Ângela, 100
4. Jd. S. Luís, 75
5. Capão Redondo, 75
6. Grajaú, 65

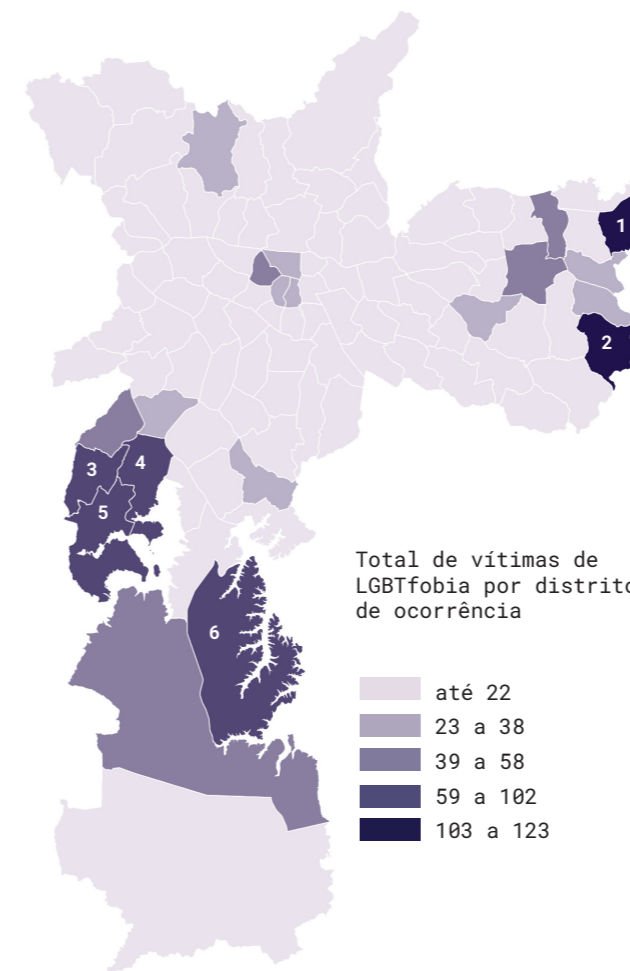
As **vítimas** de “homofobia/ transfobia” registradas pelos B.O. da **Seg. Pública** apresentam outra distribuição espacial, com **destaque a distritos centrais**, como:

- a. República, 160 vítimas
- b. Bela Vista, 102
- c. Consolação, 96

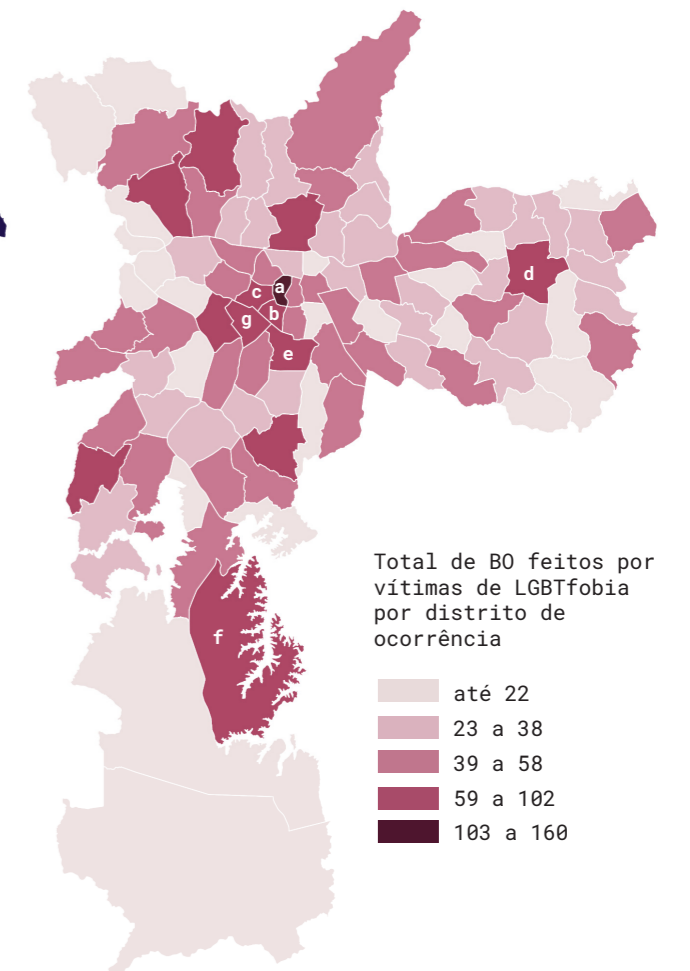
Mas também em distritos fora da Subprefeitura da Sé, como:

- d. Itaquera, 82
- e. Vila Mariana, 79
- f. Grajaú, 71
- g. Jd. Paulista, 71

SAÚDE



SEGURANÇA PÚBLICA



As violências LGBTfóbicas registradas pela Saúde apresentam um padrão territorial menos central do que das ocorrências registradas pela Segurança Pública. Os distritos da Subprefeitura da Sé, por exemplo, somam 7% do total de vítimas da Saúde, mas 15% das vítimas registradas pela Segurança.

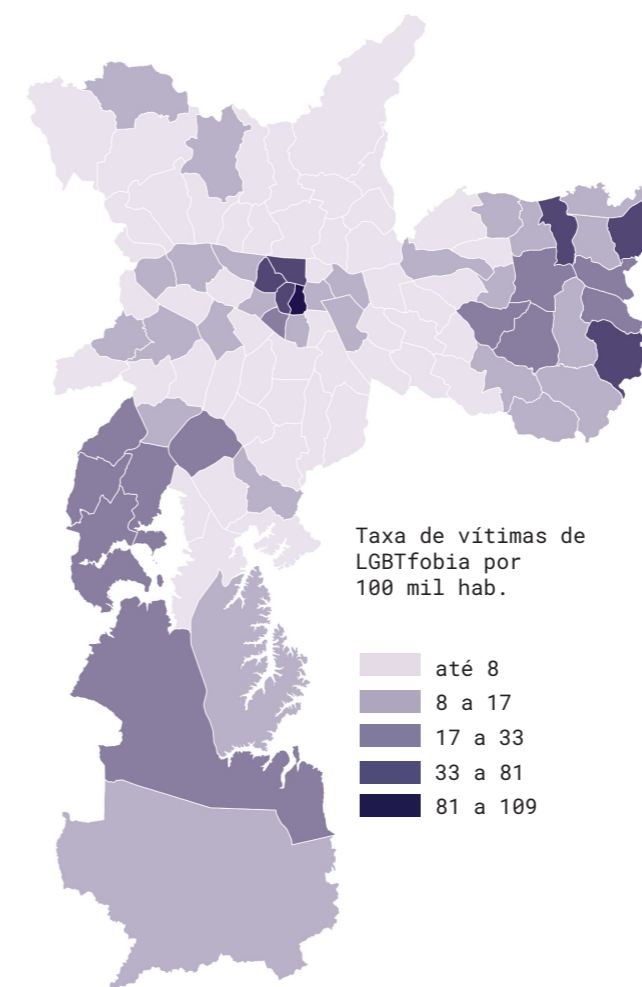
AS PROPORÇÕES DE VÍTIMAS PELA POPULAÇÃO DE CADA DISTRITO NÃO TEM O MESMO PADRÃO TERRITORIAL QUANDO COMPARADAS AS BASES DA SAÚDE E DA SEGURANÇA PÚBLICA

Não há estimativas da população LGBT-QIAPN+ para ponderar os números dos dois bancos de dados. Ainda assim, a taxa de vítimas por cem mil habitantes de cada distrito pode ajudar a ler os diferentes padrões territoriais das violências LGBTfóbicas.

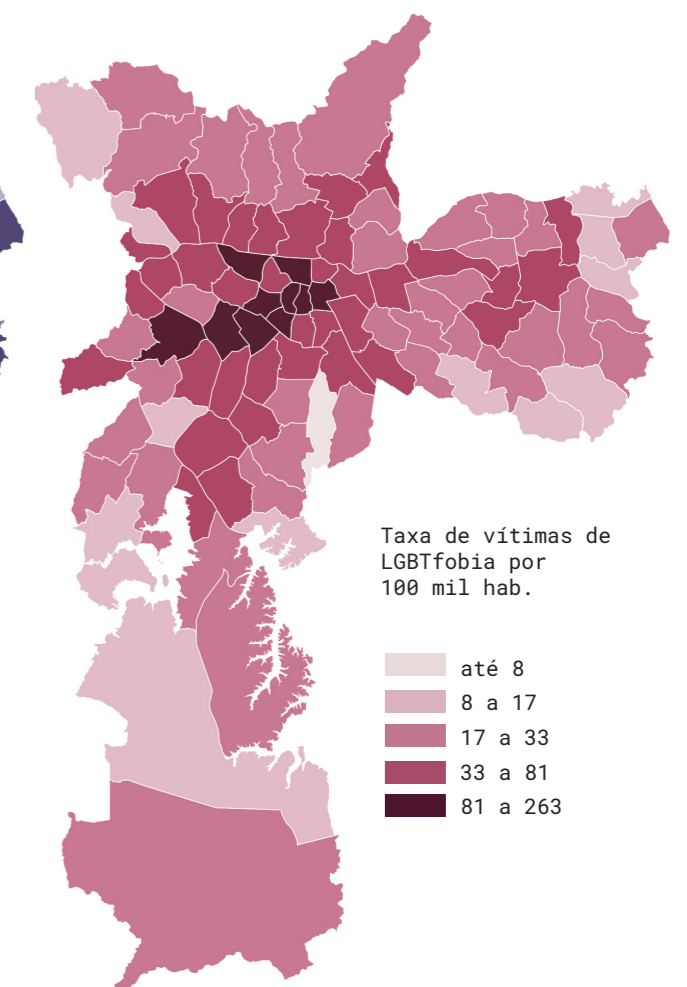
Distritos que registram altas taxas de vítimas de LGBTfobia com denúncia por B.O. da *Segurança Pública* como Consolação, Jd. Pau-

lista, Pinheiros, Butantã, Morumbi não têm o mesmo destaque quando consideradas as taxas de vítimas das violências acolhidas pela *Saúde*. O mesmo ocorre com distritos da zona norte como Pirituba, Freguesia do Ó, Limão, Casa Verde e Santana.

SAÚDE



SEGURANÇA PÚBLICA

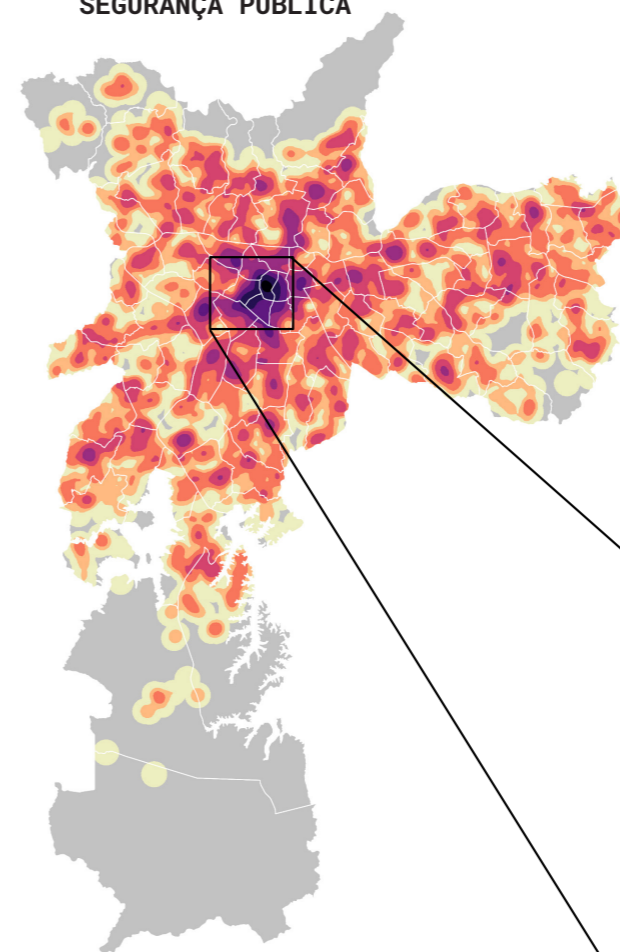


Assim como outros dados, os mapas sugerem que **as vítimas de ocorrências LGBTfóbicas que têm acesso à denúncia, e geram B.O., não são necessariamente as mesmas que procuram atendimento do sistema de Saúde**. Além do padrão de localização, **os tipos de violências também não são os mesmos**.

DADOS DA SEGURANÇA PÚBLICA E LEVANTAMENTO PRÓPRIO

A PRINCIPAL CONCENTRAÇÃO DE OCORRÊNCIAS LGBTFÓBICAS ESTÁ NA REGIÃO DE FESTAS, BARES, LAZER E ATIVISMO LGBTQIAPN+

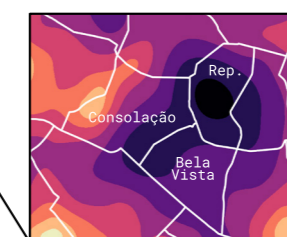
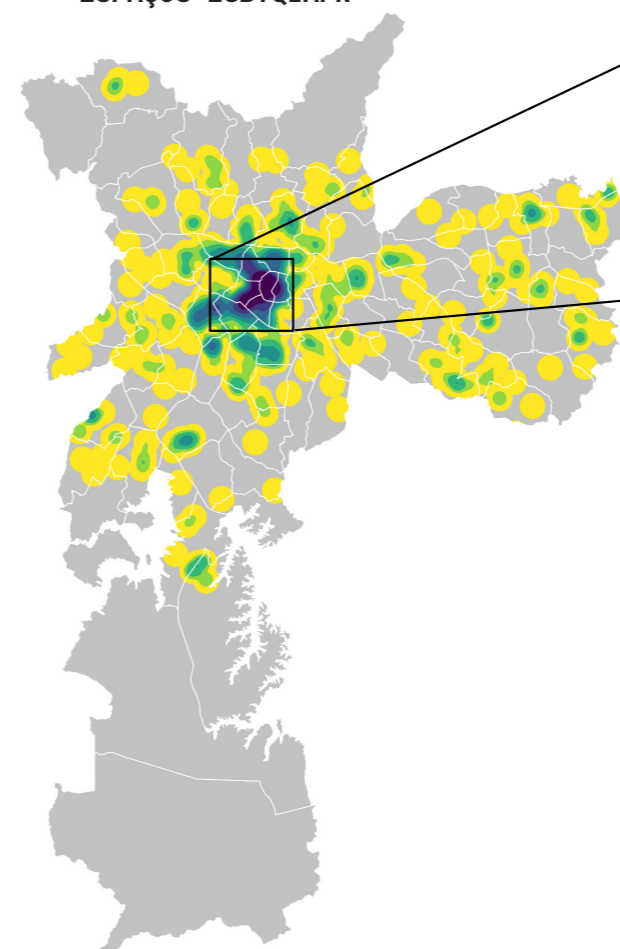
SEGURANÇA PÚBLICA



O mapa à esquerda (superior) indica uma concentração significativa de ocorrências registradas pela Segurança Pública na região central de São Paulo, especialmente no distrito República, mas também na Bela Vista e Consolação.

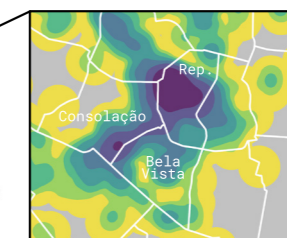
O mapa de calor dos espaços LGBTQIAPN+ (inferior) mostra um padrão territorial de concentração semelhante ao dos B.O. de "homofobia/transfobia": os principais focos estão nos distritos Bela Vista, consolação e principalmente República.

ESPAÇOS LGBTQIAPN+



Concentração de vítimas de "homofobia/transfobia" registradas por B.O. em um raio de 1km (densidade kernel)

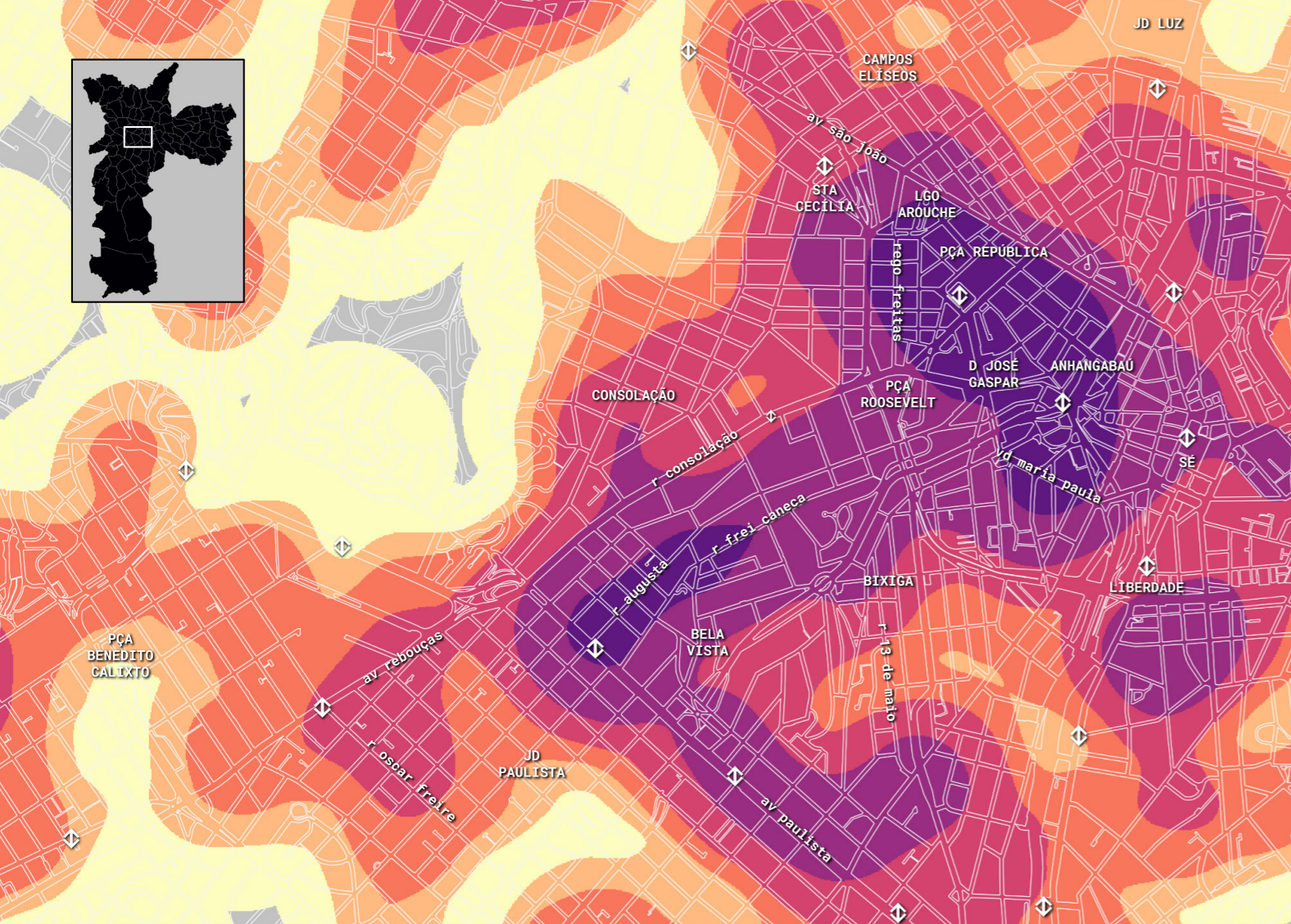
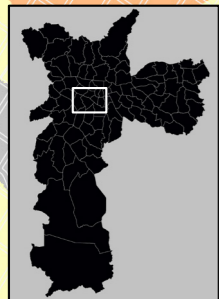
1 32



Concentração de espaços de sociabilidade LGBTQIAPN+ em um raio de 1km (densidade kernel)

1 32

Os espaços de sociabilidade LGBTQIAPN+ foram identificados no âmbito do projeto *Territorialidades LGBTQIAPN+ na Cidade de S. Paulo* a partir do levantamento de quase mil locais de lazer (festas), encontros (bares, restaurantes, cinemas, saunas), consumo, memória e ativismos.



SEGURANÇA PÚBLICA

Concentração de vítimas de “homofobia/transfobia” registradas por B.O. em um raio de 1km (densidade kernel)

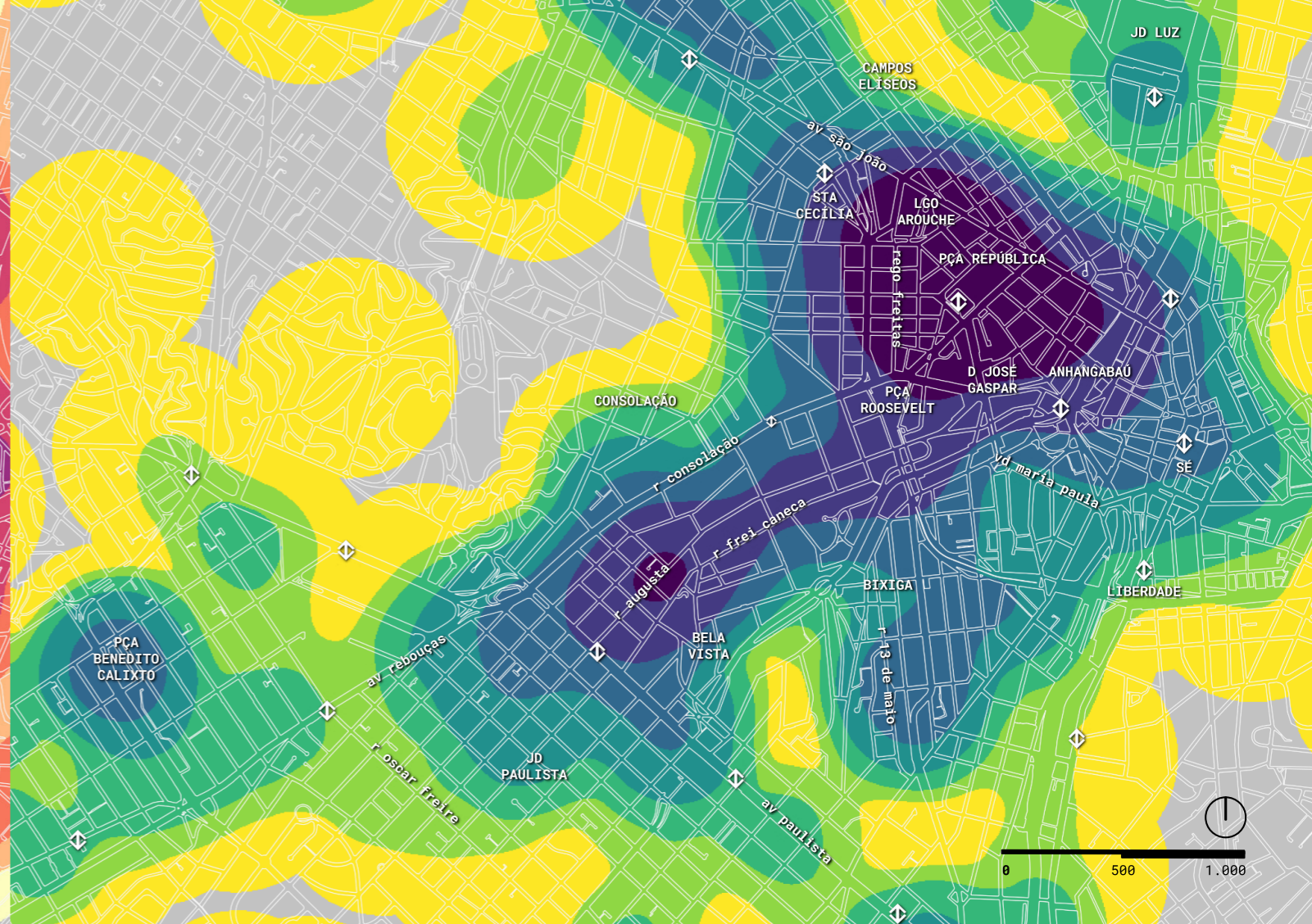


As principais concentrações de vítimas de “homofobia/transfobia” registradas pela *Segurança Pública* estão na Pça. República, Lgo. Arouche, R. Rego Freitas, Pça. Dom José Gaspar e Anhangabaú (Distrito República) e no eixo da R. Augusta (Distrito Bela Vista). Av. Paulista, Frei Caneca, Pça Roosevelt, Sé e Pça. da Liberdade também se destacam como focos.

Neste mapa, não foram consideradas as ocorrências na *internet* (que não são geocalizáveis) *escolas* e *residência* da própria vítima, visto que sua localização exata é um dado sigiloso e não pode ser divulgado pela SSP-SP. Foram consideradas as ocorrências

em *via pública*, *estabelecimentos comerciais*, *serviços*, *locais de lazer*, *escritórios*, *transportes*, dentre outros.

Não é possível mapear as concentrações de vítimas atendidas pela *Saúde*, porque a localização exata das ocorrências também não é divulgada - só são publicados os dados agregados por distrito.



ESPAÇOS LGBTQIAPN+

Concentração de locais de sociabilidade LGBTQIAPN+ em um raio de 1km (densidade kernel)



Áreas que concentram espaços de sociabilidade LGBTQIAPN+ coincidem com os focos de violência LGBTfóbica registradas pela *Seg. Pública*, como a Praça da República, Largo do Arouche e Rua Augusta.

Apesar de tais espaços configurarem territórios de sociabilidade, eles também significam riscos para pessoas LGBTQIAPN+: 55% dos B.O. são de ocorrências em *via pública*, sugerindo que os percursos entre os locais de lazer, consumo, encontro, etc não são atualmente seguros para essas pessoas.

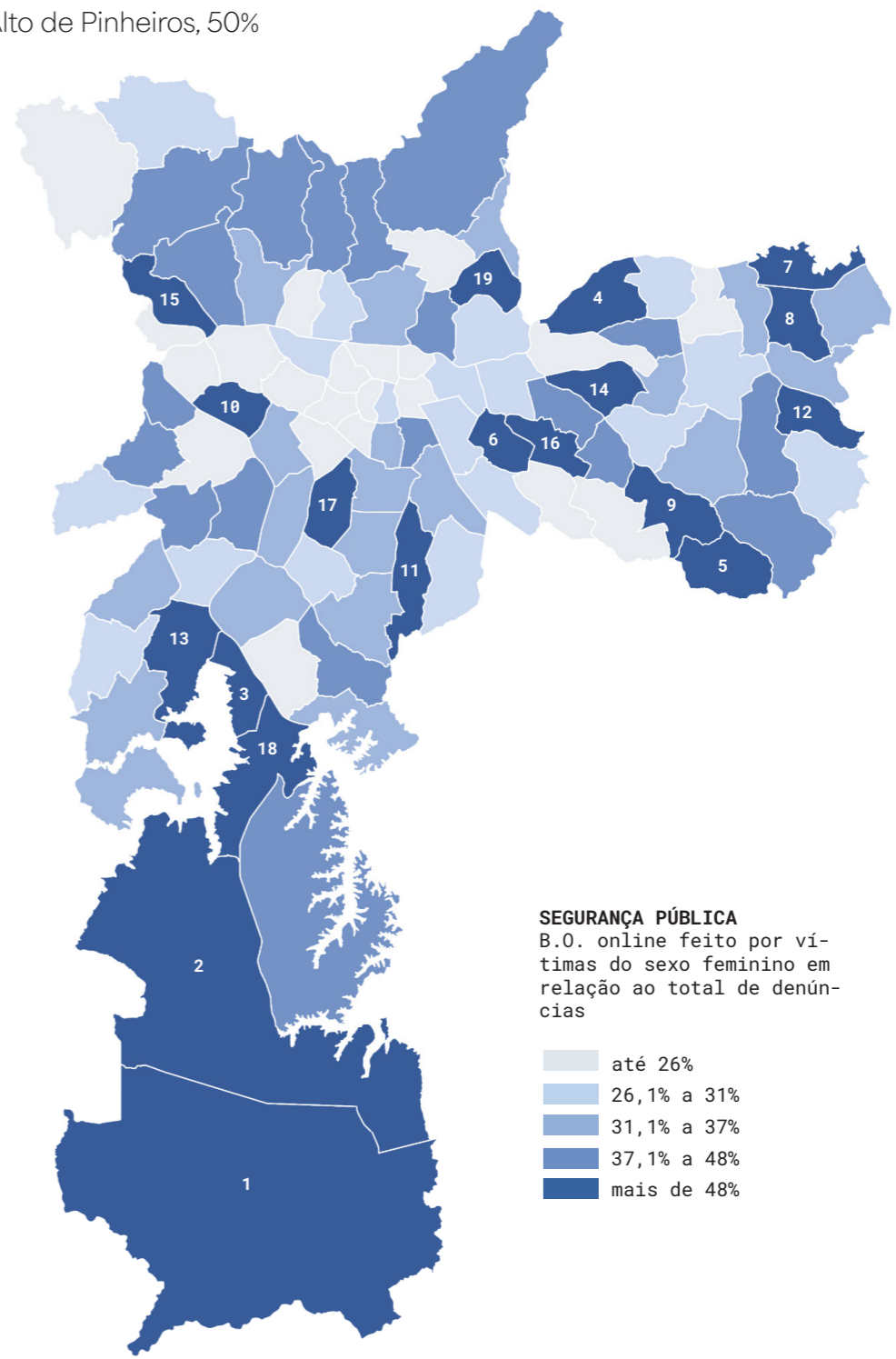
Cabe ao poder público, ciente dessa dinâmica de interação entre “sociabilidade/violência”, a construção de estratégias que garantam o direito à cidade da população LGBTQIAPN+ em segurança.

DADOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

OS DISTRITOS QUE CONCENTRAM REGISTROS ONLINE DE LGBTFOBIA CONTRA VÍTIMAS DO SEXO FEMININO ESTÃO, EM SUA MAIORIA, FORA DA REGIÃO CENTRAL DA CIDADE

Os distritos onde houve mais ocorrências de LGBTfobia com **vítimas do sexo feminino que registraram B.O. online** são:

- 1. Marsilac, 67%
- 2. Parelheiros, 65%
- 3. Socorro, 61%
- 4. Cangaíba, 55%
- 5. São Rafael, 53%
- 6. Água Rasa, 53%
- 7. Jd. Helena, 52%
- 8. Vila Curuçá, 52%
- 9. São Mateus, 51%
- 10. Alto de Pinheiros, 50%
- 11. Cursino, 50%
- 12. Guaianases, 50%
- 13. Jd. S. Luís, 50%
- 14. Vila Matilde, 50%
- 15. São Domingos, 50%
- 16. Vila Formosa, 48%
- 17. Moema, 48%
- 18. Cidade Dutra, 48%
- 19. Vila Medeiros, 47%



VÍTIMAS DO SEXO FEMININO SÃO MAIORIA EM DISTRITOS DE MENOR RENDA

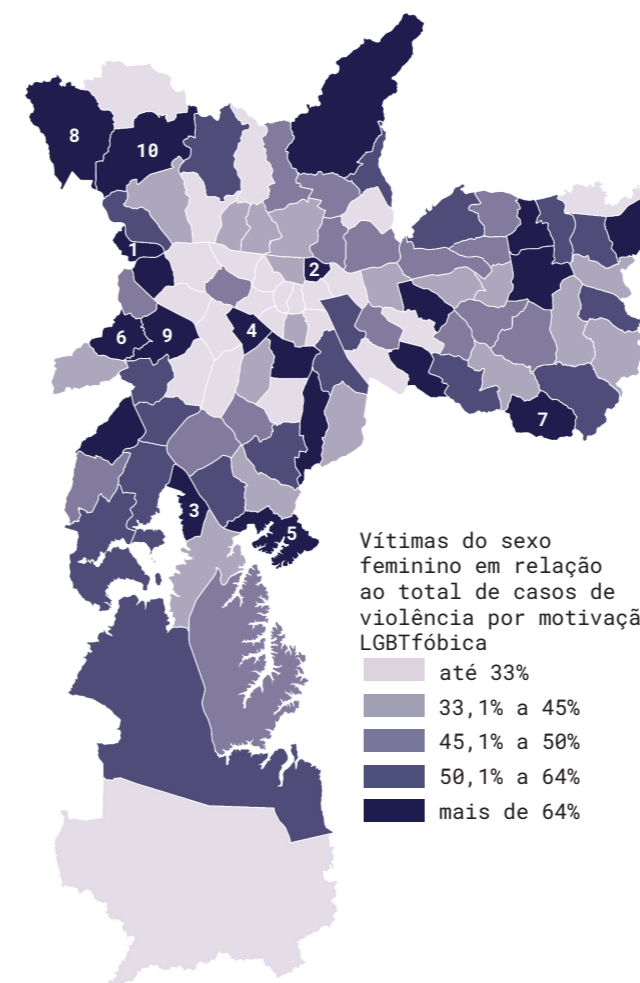
Os distritos com mais ocorrências de LGBTfobia atendidas pela *Saúde* com **vítimas do sexo feminino** são:

1. Jaguará, 100%
2. Pari, 100%
3. Socorro, 100%
4. Jardim Paulista, 100%
5. Pedreira, 83%
6. Rio Pequeno, 83%
7. São Rafael, 81%
8. Anhanguera, 80%
9. Butantã, 80%
10. Jaraguá, 75%

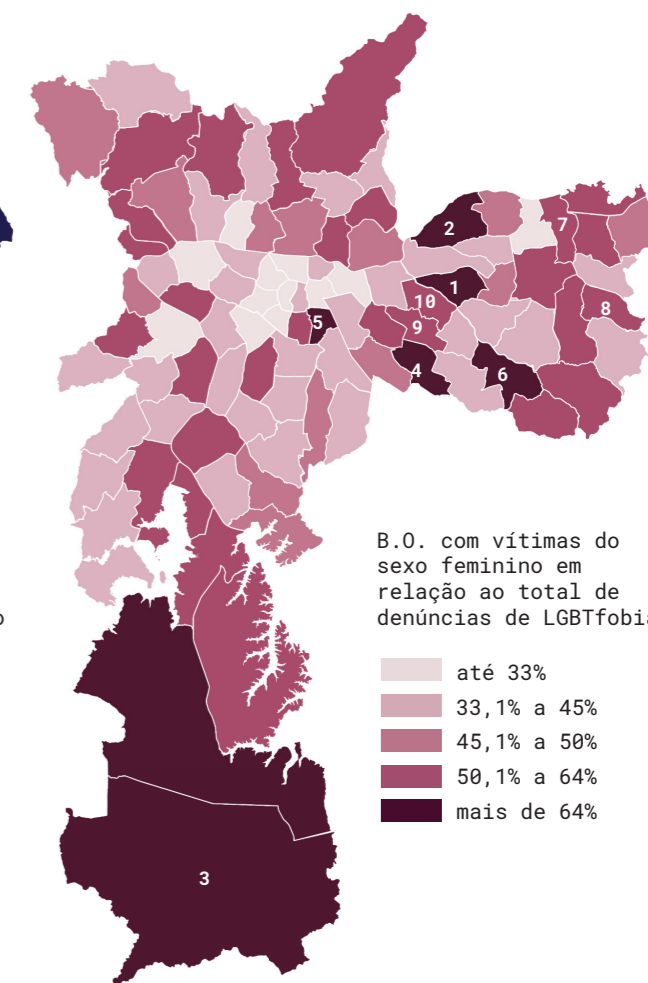
Os distritos com mais ocorrências de LGBTfobia registradas pela *Seg. Pública* com **vítimas do sexo feminino** são:

1. Vila Matilde, 70%
2. Cangaíba, 68%
3. Marsilac, 67%
4. São Lucas, 66%
5. Cambuci, 65%
6. São Mateus, 65%
7. São Miguel, 63%
8. Guaianases, 63%
9. Vila Formosa, 63%
10. Carrão, 63%

SAÚDE



SEGURANÇA PÚBLICA



As vítimas do sexo feminino são maioria nos distritos de menor renda, com 54% nos atendimentos da *Saúde* e 51% nos registros da *Seg. Pública*. No restante da cidade, vítimas do sexo feminino representam 42% e 44% respectivamente.

49% DAS VÍTIMAS DE LGBTFOBIA SOFRERAM VIOLÊNCIA EM CASA

Os dados da *Saúde* demonstram que quase metade das vítimas foi agredida na própria *residência* (49%). Em seguida, a *via pública* é o principal local de ocorrência (20%). No entanto, ao considerar todos os **espaços de convivência pública**, como *via pública, comércio e serviços, bares* ou similares, o percentual passa a ser **27%**.

via pública, transportes, comércio e serviços, espaços de lazer e restaurantes, estes espaços passam a representar **70% de todos os B.O. - mais de dois terços**.

Ocorrências na *residência* da própria vítima correspondem a 19% do total.

Ao contrário dos dados da *Saúde*, a maioria dos registros da *Seg. Pública* aconteceram na ***via pública* (55% do total)**. Se forem somados todos os **locais de fruição pública**, como

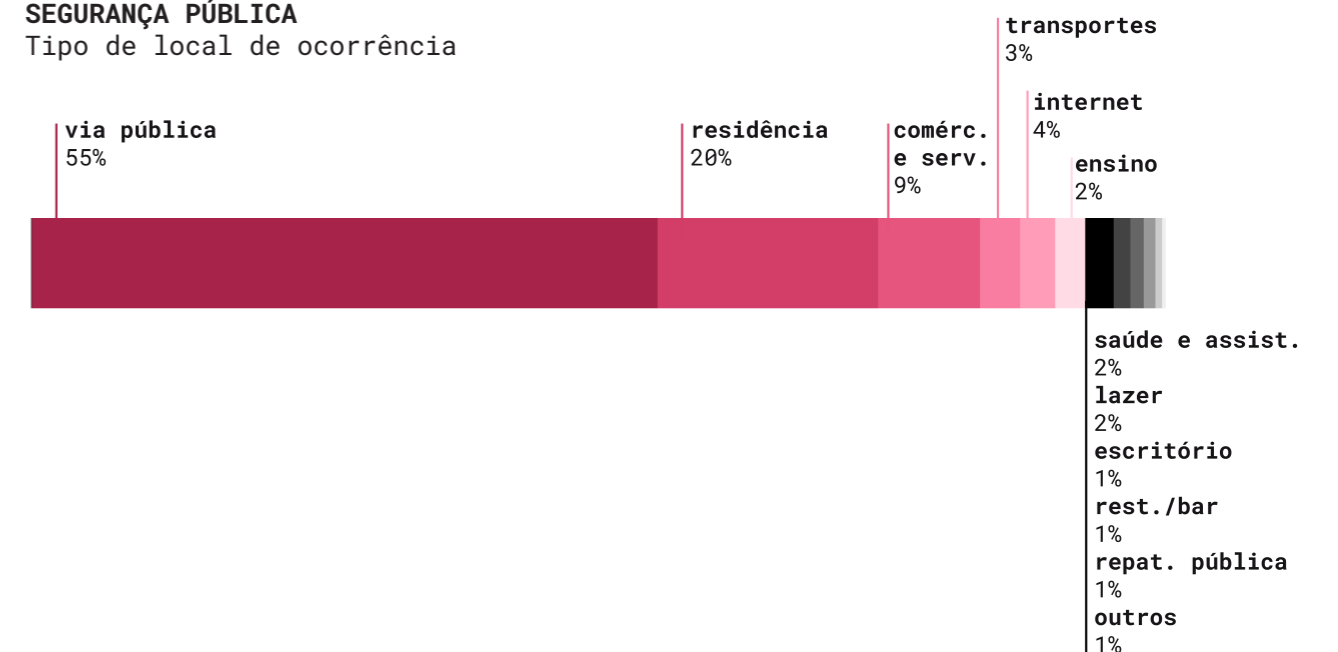
SAÚDE

Tipo de local de ocorrência



SEGURANÇA PÚBLICA

Tipo de local de ocorrência



BOLETINS DE OCORRÊNCIA CAPTAM MAIS AS VIOLÊNCIAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS

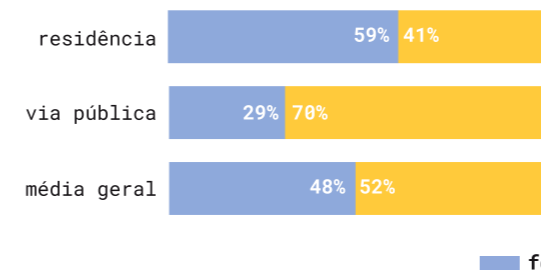
SEXO FEMININO É MAIORIA DENTRE AS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA LGBTFÓBICA EM CASA

EM ESPAÇOS PÚBLICOS, VÍTIMAS DO SEXO MASCULINO SÃO PREDOMINANTES

Nos dois bancos de dados, **a maioria das vítimas é identificada pelo sexo (sic) masculino**: 52% nos dados da *Saúde* e 56% nos dados da *Segurança Pública*. Porém, o perfil das vítimas varia de acordo com o local da ocorrência.

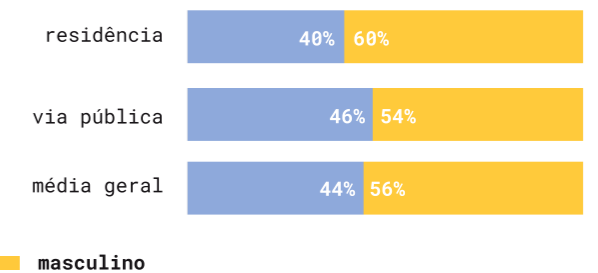
SAÚDE

Sexo das vítimas por local da ocorrência



SEGURANÇA PÚBLICA

Sexo das vítimas por local da ocorrência



Na *Saúde*, das ocorrências em **residências**, predominam vítimas do **sexo feminino (59% do total)**, de **raça/cor da pele preta ou parda (53%)** e **71% têm até 29 anos**.

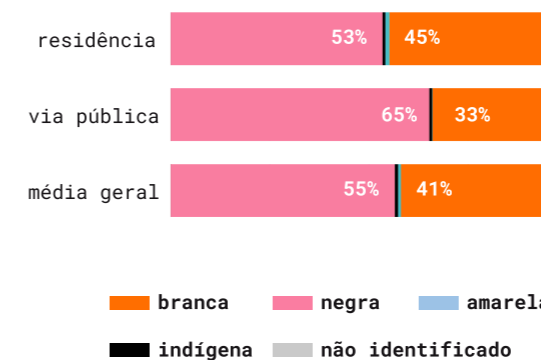
Os dados da *Seg. Pública* revelam que as ocorrências na **via pública** têm maioria do **sexo masculino (53%)** e **46% têm até 29 anos**.

Nas ocorrências em **vias públicas**, o perfil é diferente: **70% é do sexo masculino**, **65% são pessoas negras**.

O perfil de vítimas de ocorrências nas **residências** também tem maioria do **sexo masculino (60%)** e **46% têm até 29 anos**.

SAÚDE

Raça das vítimas por local da ocorrência



Dados de Seg. Pública não permitem a análise por raça/cor da pele.

OCORRÊNCIAS DE LGBTFOBIA SÃO MAIS VIOLENTAS DURANTE À NOITE E DE MADRUGADA

DADOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

36% das ocorrências registradas pela *Seg. Pública* ocorreram à noite ou na madrugada, mas 50% das vítimas até 29 anos sofreram ocorrências nesse período: **a noite e a madrugada parecem ser mais perigosas para jovens.**

Ocorrências à noite e na madrugada são mais frequentes dentre as vítimas do sexo masculino: 38% foram vítimas de ocorrências entre as 18h e 6h, enquanto 33% dentre o sexo feminino foram vítimas no mesmo período. **57% das ocorrências de lesão corporal aconteceram à noite ou na madrugada.**

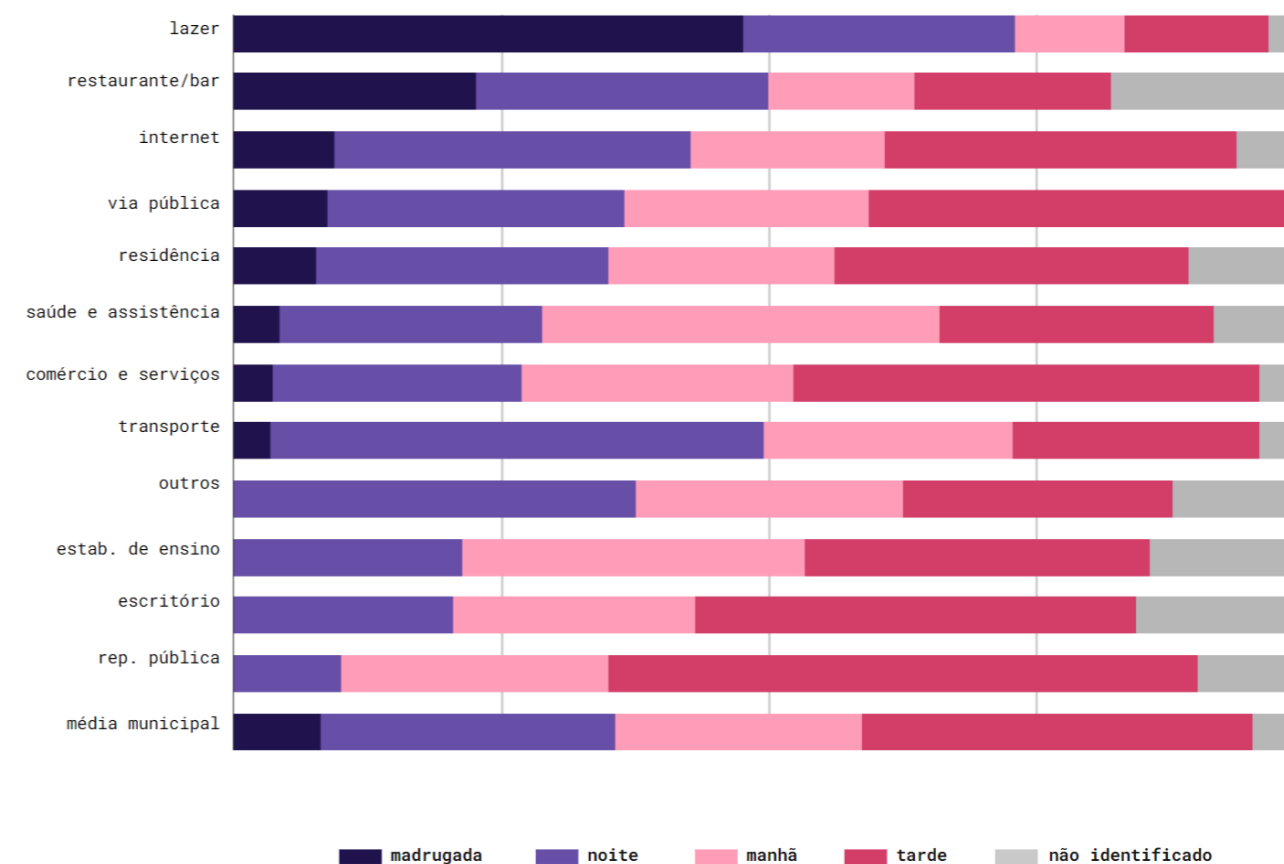
Locais de sociabilidade e diversão se destacam pela violência à noite e na madrugada: 73% das ocorrências em espaços de lazer (boates, cinemas, clubes, etc) e 50% das ocorrências em *restaurantes e bares* foram registradas entre 18h e 6h da manhã.

59% das ocorrência registradas pela *Segurança Pública* ocorreram durante o dia (das 6h às 18h) e 5% não tiveram horário registrado.

A base de dados da *Saúde* não disponibiliza dias ou períodos do dia da ocorrência.

SEGURANÇA PÚBLICA

Tipo de local por período do dia



**45% DAS OCORRÊNCIAS
LGBTÓFÓBICAS SÃO RESULTANTES
DE VIOLÊNCIAS FÍSICAS; 29%
PSICOLÓGICAS E 10% SEXUAIS**

**CATEGORIAS DE INTOLERÂNCIA
UTILIZADAS PARA CLASSIFICAR B.O.**

- racial/etnia/cor
- origem
- religioso
- outro tipo de intolerância/
discriminação

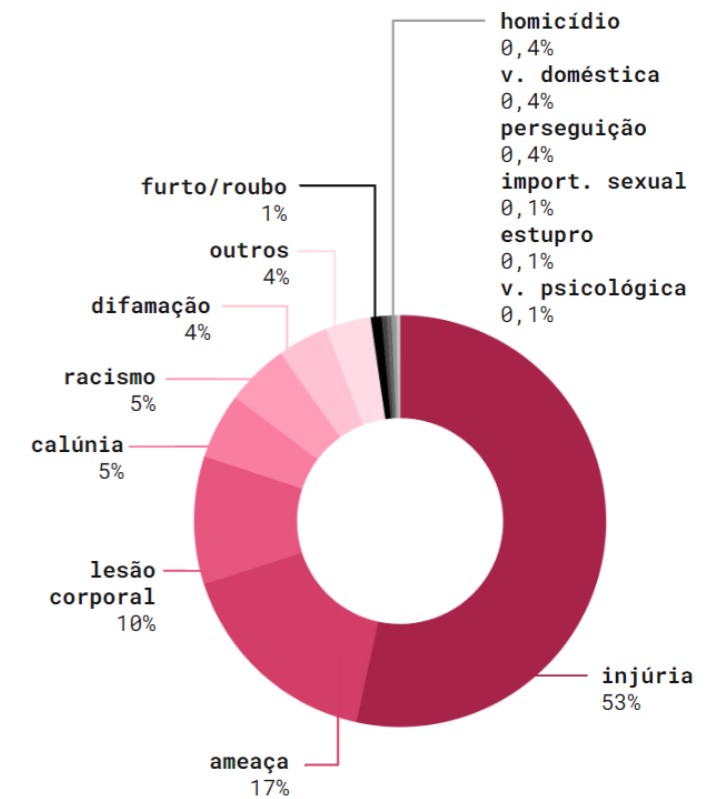
- **homofobia**
- **transfobia**

Entre 2015 e 2023, foram registradas **3.486 Boletins de Ocorrência** de "Homofobia/Transfobia" com **3.868 vítimas**: nem toda ocorrência tem só uma vítima.

A SSP/SP não disponibiliza os números de "homofobia" e "transfobia" de forma desagregada. Os dados classificam as ocorrências de forma conjunta como "homofobia/transfobia"

Até 2023, não há identificação da orientação sexual ou identidade de gênero das vítimas

**TIPOS PENAS USADOS PARA
CLASSIFICAR AS OCORRÊNCIAS
REGISTRADAS COMO INTOLERÂNCIA POR
"HOMOFOBIA/TRANSFOBIA"**



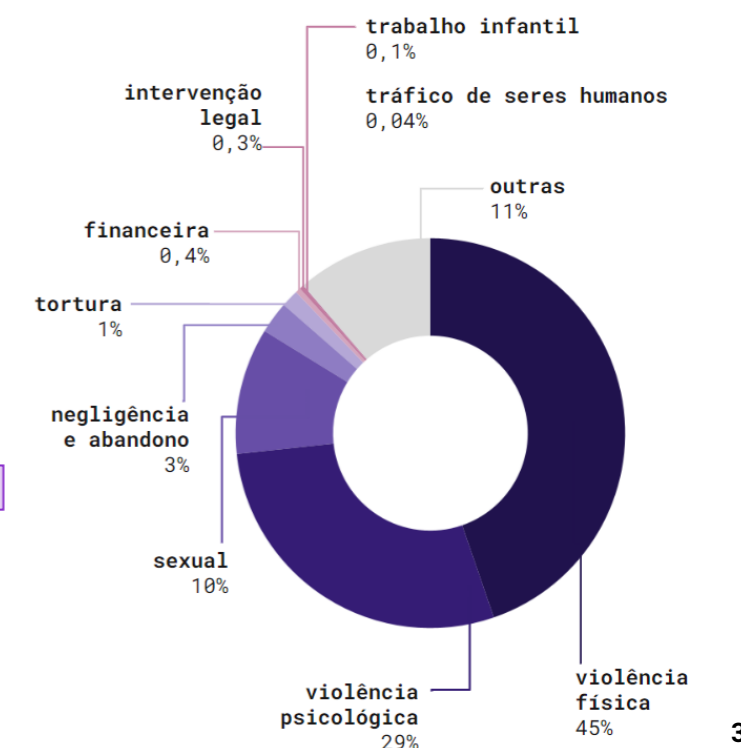
**CATEGORIAS DE MOTIVAÇÃO DA
VIOLÊNCIA UTILIZADAS PELOS DADOS
DA SAÚDE (SINAN)**

- sexismo
- conflito geracional
- situação de rua
- deficiência
- racismo
- intolerância religiosa
- xenofobia
- outros
- não se aplica
- ignorado

- **homofobia/lesbofobia/transfobia**

Até 2023, foram atendidas **2.325 vítimas** de "Homofobia/Lesbofobia/Transfobia"

**TIPOS DE VIOLÊNCIA UTILIZADOS
PELOS DADOS DA SAÚDE (SINAN) PARA
CLASSIFICAR OS CASOS DE "HOMOFOBIA/
LESBOFOBIA/TRANSFOBIA"**



**53% DOS B.O. DE LGBTFOBIA SÃO
REGISTRADOS COMO INJÚRIA;
17% SÃO AMEAÇA E 10% LESÃO
CORPORAL**

55% DAS VÍTIMAS VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS SÃO NEGRAS

Nos dados da *Saúde*, **55% das vítimas de violências LGBTfóbicas são negras**, 41% são brancas, 1% são amarelas e 1% são indígenas. O dado é significativo quando comparado com a **população negra da cidade de São Paulo, 43,5%** do total da população da cidade (Censo, 2022).

Os registros de B.O. online, feitos pela *Seg. Pública*, têm facilitado o acesso à denúncia de ocorrências LGBTfóbicas, mas **a ausência dos campos de raça/cor da pele no formulário da Delegacia Eletrônica** impedem análises mais aprofundadas sobre os perfis de vítimas: **69% das vítimas não tiveram sua raça informada**.

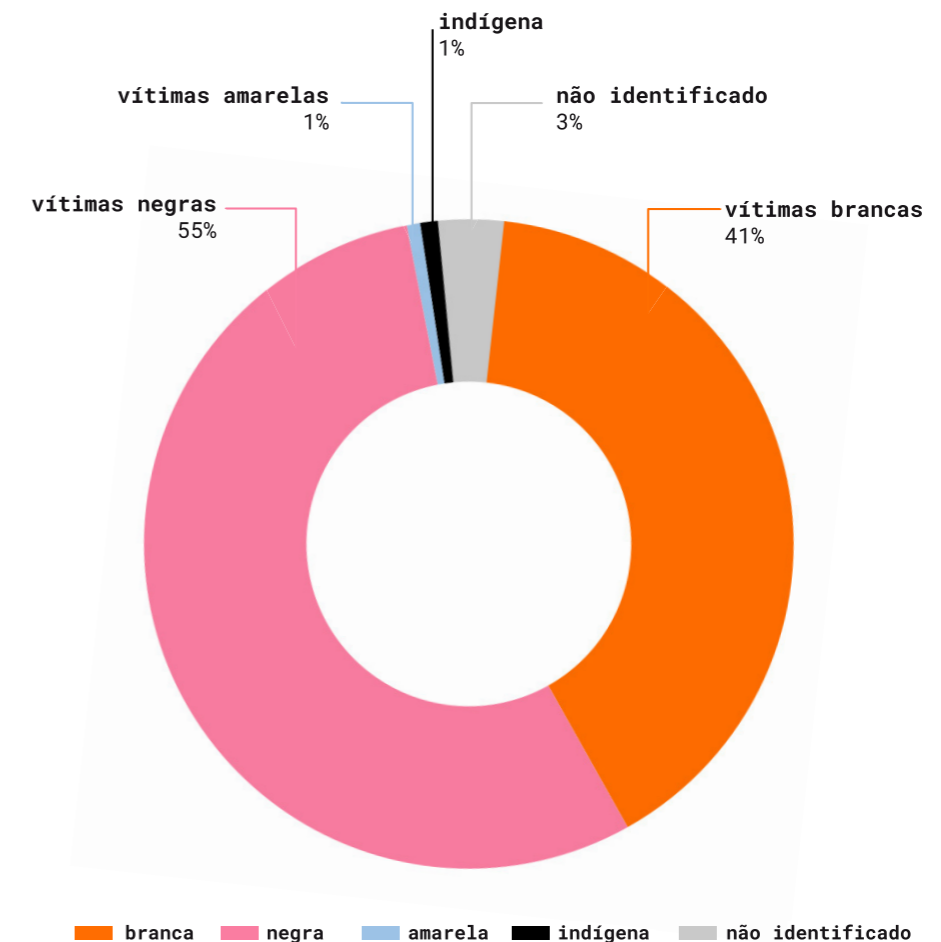
Entre 2015 e 2018, quando o B.O. eletrônico era menos utilizado: apenas 14% das vítimas não tiveram sua raça/cor da pele informada. Entre 2021 e 2023, período dominado pelas denúncias online, essa proporção subiu para 91%.

O problema é ainda mais grave, já que o B.O. online é a principal alternativa de denúncia para vítimas do sexo feminino e vítimas de mais baixa renda.

O não preenchimento dos dados é pior no caso das vítimas do sexo feminino: 79% não têm a raça/cor da pele informada - homens são 62%.

SAÚDE

Raça/cor da vítima



DADOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

SUBNOTIFICAÇÃO DE DADOS SOBRE AS VÍTIMAS É UM PROBLEMA PARA ANALISAR A LGBTFOBIA

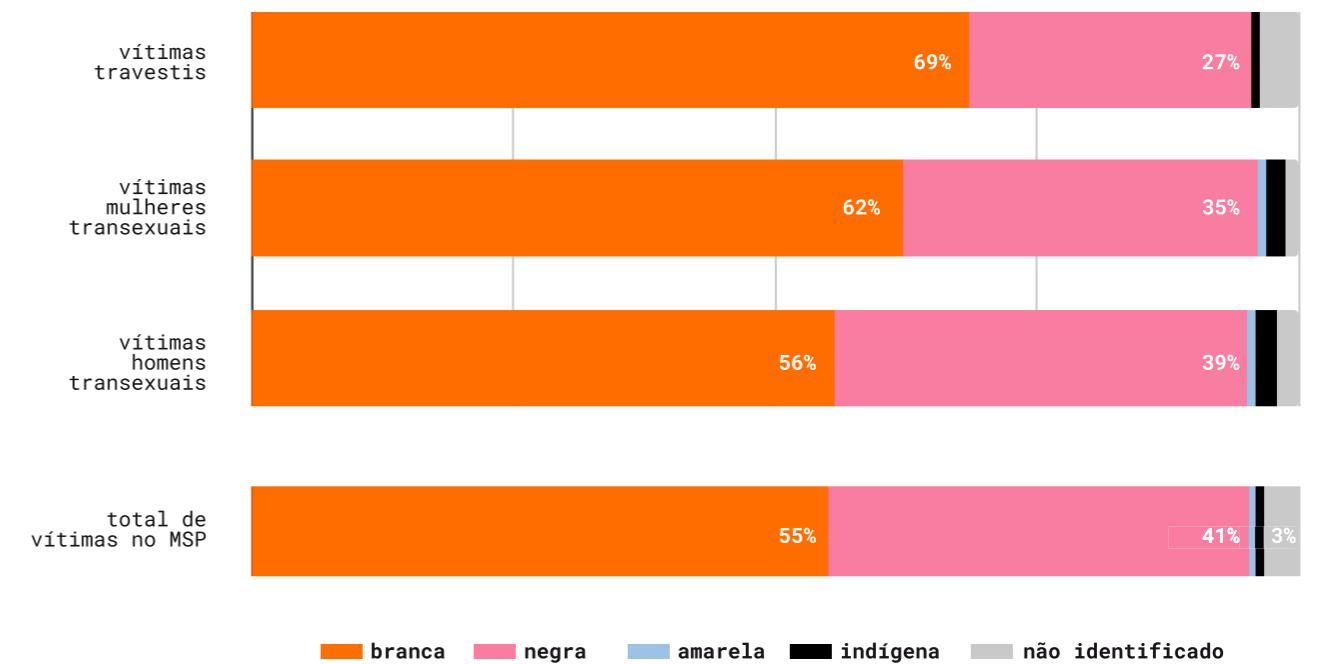
61% DAS VÍTIMAS TRANS SÃO PESSOAS NEGRAS

Quanto à *orientação sexual*, dentre **bissexuais**, metade das vítimas são brancas, 46% são negras. Das vítimas **homossexuais (gay/lésbica)**, a distribuição por raça corresponde à média municipal, 55% são vítimas negras, 46% são brancas.

Dentro deste recorte, **vítimas travestis têm participação ainda maior de pessoas negras, com 69%**. Mulheres transexuais são 62% negras e homens transexuais são 56% negros (gráfico abaixo).

SAÚDE

Raça/cor das vítimas transexuais e travestis



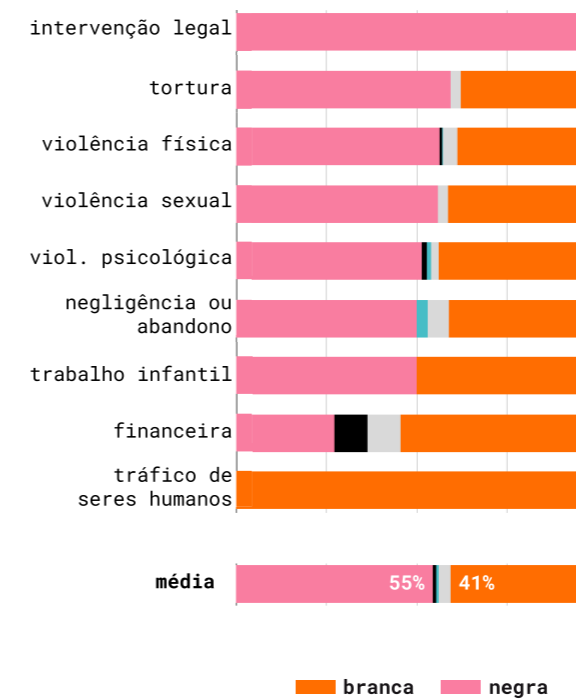
79% DAS VÍTIMAS DE LGBTFOBIA POR AGRESSORES POLICIAIS SÃO NEGRAS

Dentre os diferentes tipos de violência LGB-Tfóbica, os que tiveram maior proporção de vítimas negras foram casos de **intervenção legal** (100%), **tortura** (59%) e **violência física** (56%). Apenas em **violência financeira**, há predominância de vítimas brancas (55%).

Das vítimas cujos **agressores foram policiais ou agentes da lei**, 79% são pessoas negras, 63% são do sexo masculino e 58% têm até 29 anos.

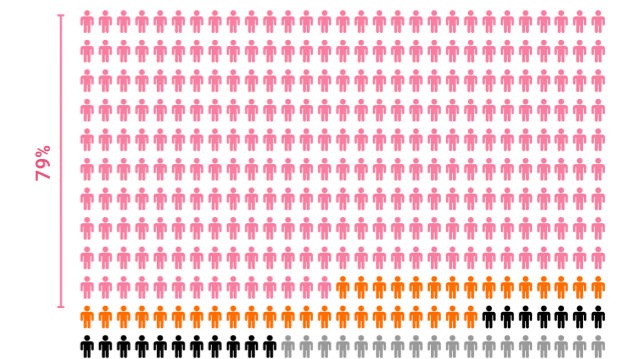
SAÚDE

Raça da vítima por tipo de violência



SAÚDE

Raça das vítimas de agressores policiais ou agentes da lei



SEXO MASCULINO, JOVENS E NEGROS SÃO MAIORIA ENTRE AS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FÍSICA

Nos dados da *Saúde*, dentre as vítimas de **violência física**, o local de ocorrência mais comum é a **via pública** (41% dos casos): 60% são do **sexo masculino**, 56% são **pessoas negras** e 63% têm **até 29 anos**.

No casos de **violência psicológica**, metade ocorre nas **residências** das vítimas. O perfil é composto pelo **sexo masculino** (52%), **pessoas negras** (51%) e **pessoas jovens** (70% têm idade até 29 anos).

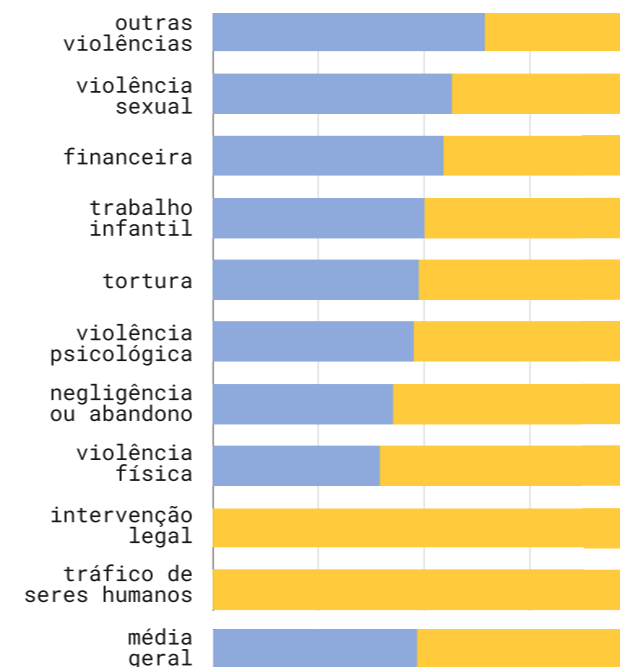
Vítimas de **violência sexual** apresentam um perfil diferente: **59% são do sexo feminino**, 54% são pessoas negras e **81% possui idade até 29 anos**. O local mais comum das ocorrências é nas **casas das vítimas** (44%).

Dentre as vítimas que registram B.O. classificados como **injúria**, a maioria é do **sexo masculino (54%)** e de pessoas **até 29 anos (45%)**. Vítimas de **ameaça** também são predominantemente do **sexo masculino (64%)**, mas o principal grupo etário é de **30 a 49 anos (41%)**. **Lesão corporal** tem um perfil **mais jovem e mais masculino**: 60% têm até 29 anos e 67% são do sexo masculino.

Vítimas do **sexo feminino** são maioria entre os tipos penais: **importunação sexual** (100%), **violência doméstica** (100%), **homicídio** (60%) e **difamação** (52%). O sexo feminino corresponde a 50% das vítimas de **calúnia** e **estupro**.

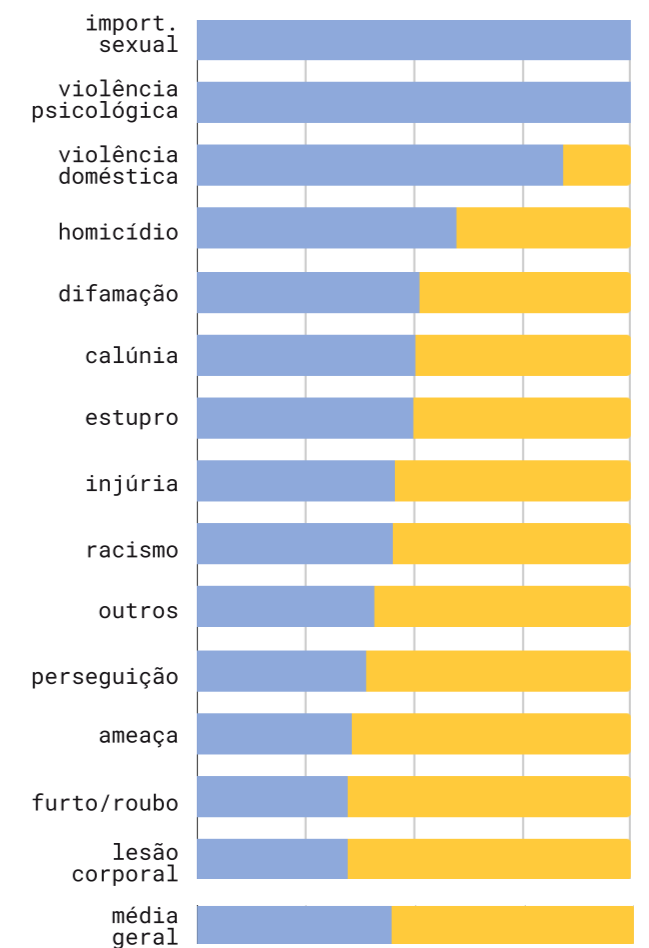
SAÚDE

Sexo da vítima por tipo de violência



SEGURANÇA PÚBLICA

Sexo da vítima por tipo penal



DADOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

VÍTIMAS DO SEXO FEMININO SÃO MAIORIA ENTRE EM CASOS DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL, VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E HOMICÍDIO

60% DAS VÍTIMAS FORAM AGREDIDAS POR FAMILIARES OU PESSOAS CONHECIDAS

DADOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

VÍTIMAS DO SEXO FEMININO SÃO MAIS AGREDIDAS POR PESSOAS DESCONHECIDAS DO QUE AS DO SEXO MASCULINO

Dentre os registros da *Saúde* sobre violências cometidas na casa da própria vítima, **74% dos agressores foram identificados como parte do convívio familiar** (tons de roxo no gráfico abaixo).

Agressores do *convívio familiar* também cometem violências em outros tipos de locais, indicando que, ainda que a violência tenha ocorrido fora de casa, o espaço de residência da vítima não é um local seguro.

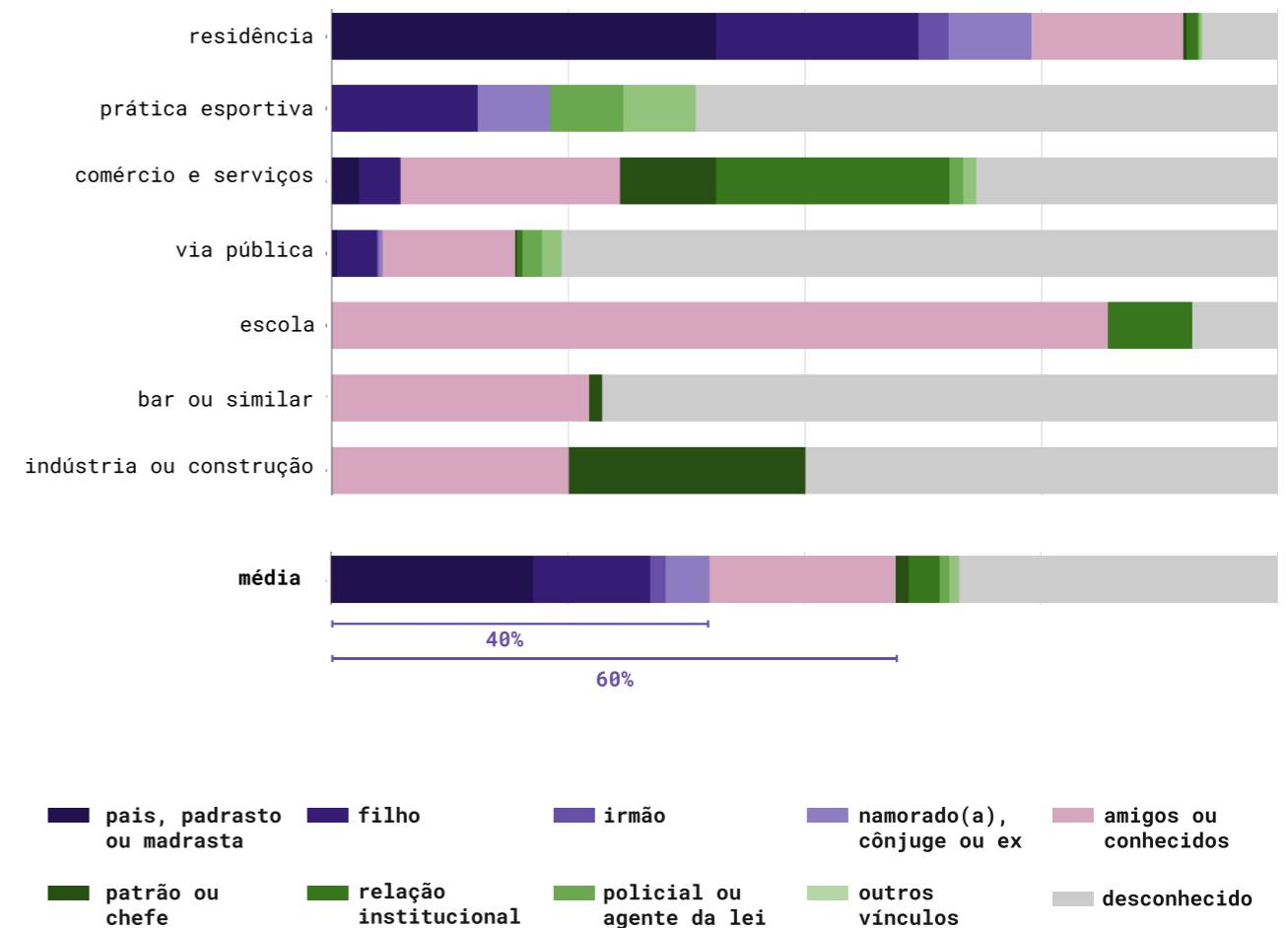
Patrões e chefes agressores (verde escuro no gráfico abaixo) têm maior expressão em *indústria ou construção* (25% dos agressores) e nos *comércios e serviços* (10% dos agressores).

Nas escolas, 82% dos agressores são **colegas e amigos** da vítima.

Os registros de B.O. feitos pela *Segurança Pública* identificam apenas se a pessoa agressora é “conhecida” ou “desconhecida”. **A maior parte das vítimas (71%) é agredida por uma pessoa desconhecida.** A porcentagem é maior entre vítimas do sexo feminino, 76%, enquanto 66% do sexo masculino foram agredidos por pessoas *desconhecidas*.

SAÚDE

Vínculo entre agressor e vítima por tipo de local



30% VÍTIMAS DE LGBTFOBIA ATENDIDAS TÊM ATÉ 19 ANOS

Segundo os dados da *Saúde*, o perfil das **vítimas de até 19 anos** é majoritariamente do **sexo feminino** (53%) e de **raça/cor da pele preta ou parda** (52%). Quase dois terços (65%) dessas violências ocorrem na **própria residência**.

32% dos agressores desse grupo etário são os próprios **pais**, 17% são **amigos e conhecidos**.

Ao contrário da média geral em que a **violência física** é o tipo mais frequente (45% do total), para vítimas de até 19 anos a **violência psicológica (31%)** está empatada em primeiro lugar com **violência física (31%)**, em sequência, a **violência sexual (19%)**.

Este grupo etário representa metade das violências ocorridas em escolas; se considerar o recorte até 24 anos, o grupo representa 75% das ocorrências em escolas.

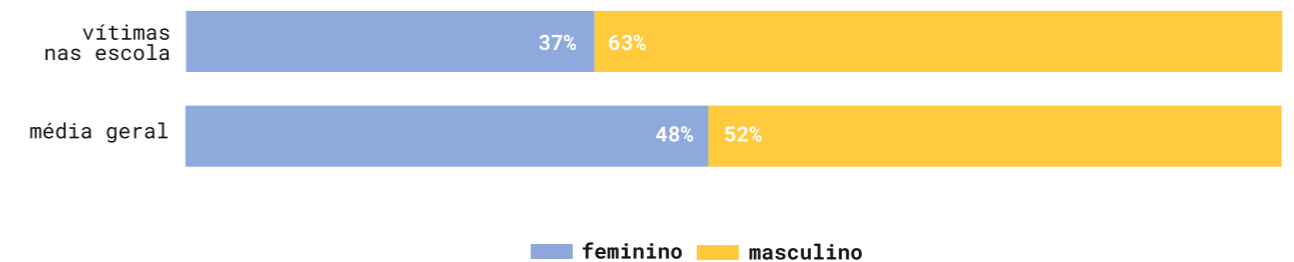
Comparativamente a base da Saúde, **os dados da Segurança Pública demonstram que o registro da violência sofrida por este grupo etário (até 19 anos) é menos acessível**.

No total de ocorrências registradas por B.O., apenas 8% das vítimas têm até 19 anos: 43% são do sexo feminino e 57% do sexo masculino.

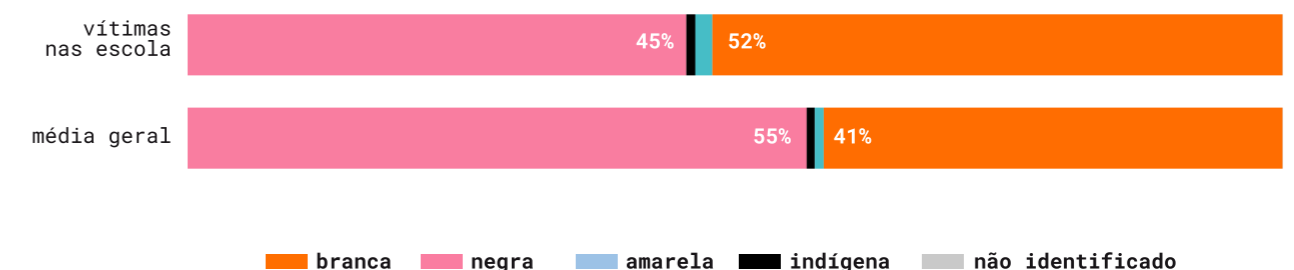
Isso revela que **nem todas as violências LGBTfóbicas sofridas por vítimas de até 19 anos são notificadas à Polícia Civil**, mesmo quando demandam atendimento de serviços de saúde.

SAÚDE

Sexo das vítimas nas escolas



Raça das vítimas nas escolas



DADOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

APENAS 8% DAS VÍTIMAS TÊM IDADE ATÉ 19 ANOS: FALTA DE AUTONOMIA EM DENUNCIAR PODE SER CAUSA

69% DO TOTAL DE VÍTIMAS DE LGBTFOBIA TÊM ATÉ 29 ANOS

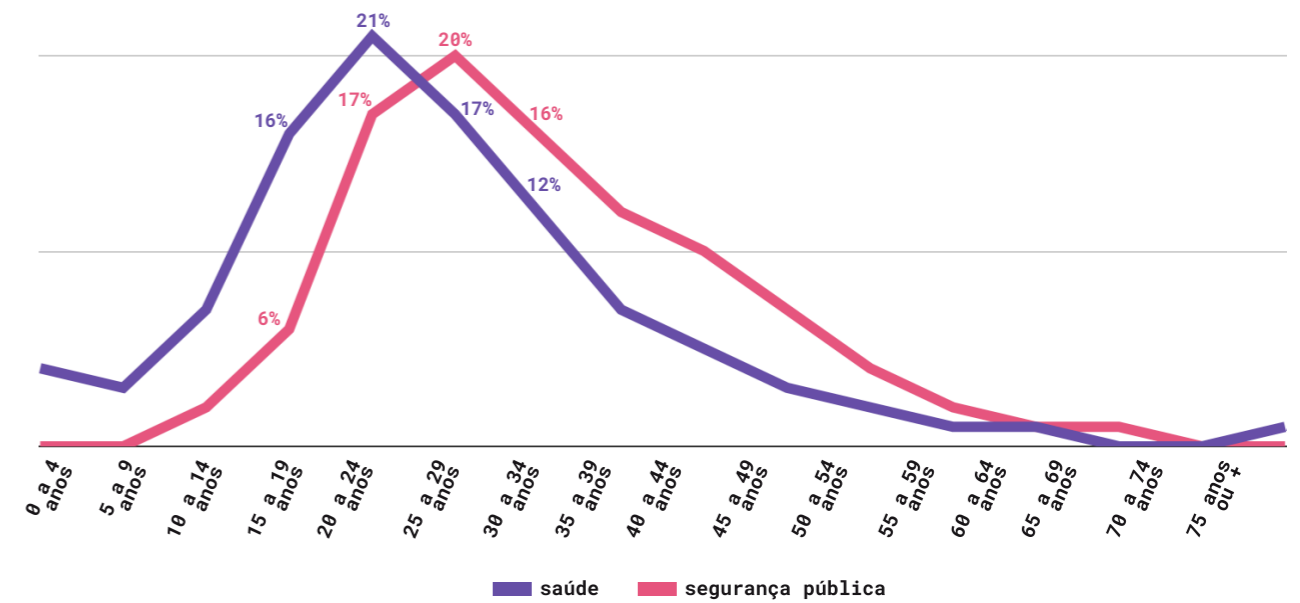
A população até 29 anos corresponde a 32% da população municipal (Censo, 2022). **As vítimas registradas pela Saúde são mais jovens do que as registradas pela Seg. Pública.**

Nos registros de *Saúde*, vítimas negras são a maioria em todas as faixas etárias até 49 anos; acima de 50 anos não há uma grande diferenciação entre negros e brancos (gráfico abaixo).

Nos dados da Seg. Pública vítimas do sexo masculino são mais jovens do que as do sexo feminino: 48% do sexo masculino possui até 29 anos, enquanto dentre as mulheres dessa faixa etária são 44%. Nos dados da *Saúde*, entretanto, não há diferença.

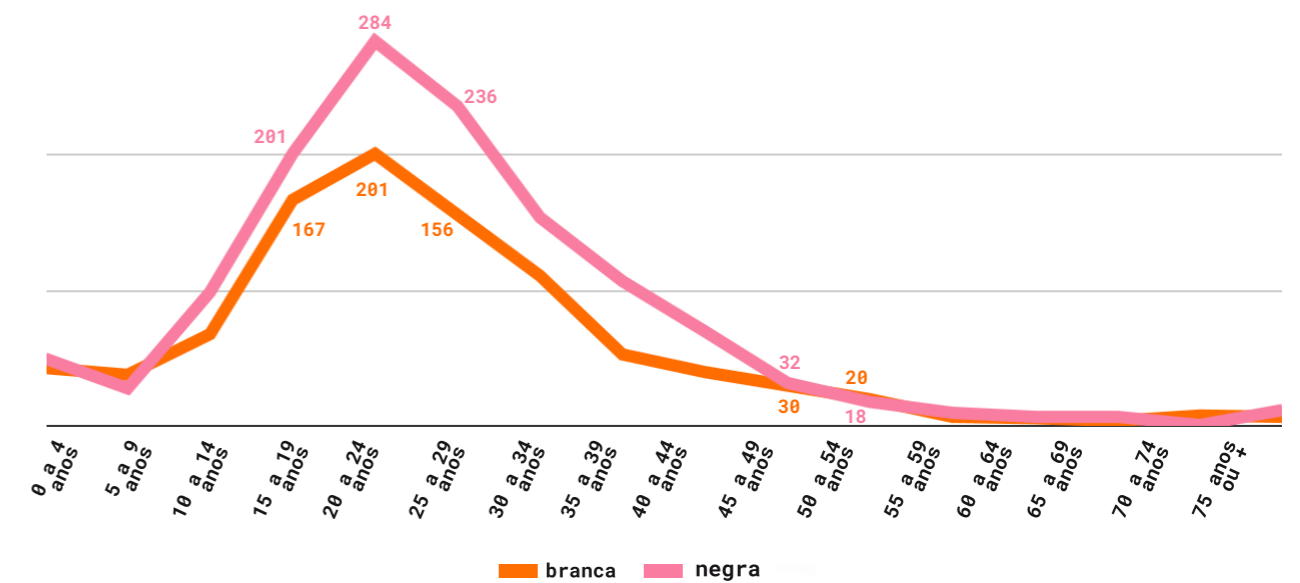
SAÚDE e SEGURANÇA PÚBLICA

Percentual de vítimas por faixa etária nas duas bases de dados



SAÚDE

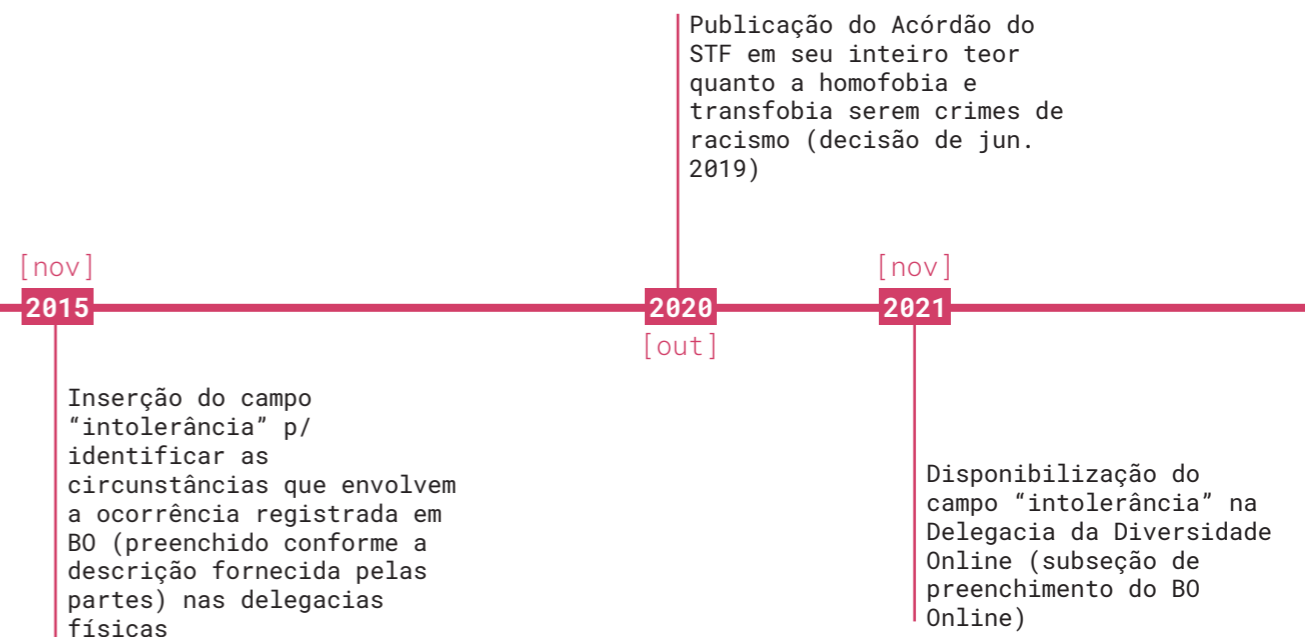
Faixa etária das vítimas por raça/cor



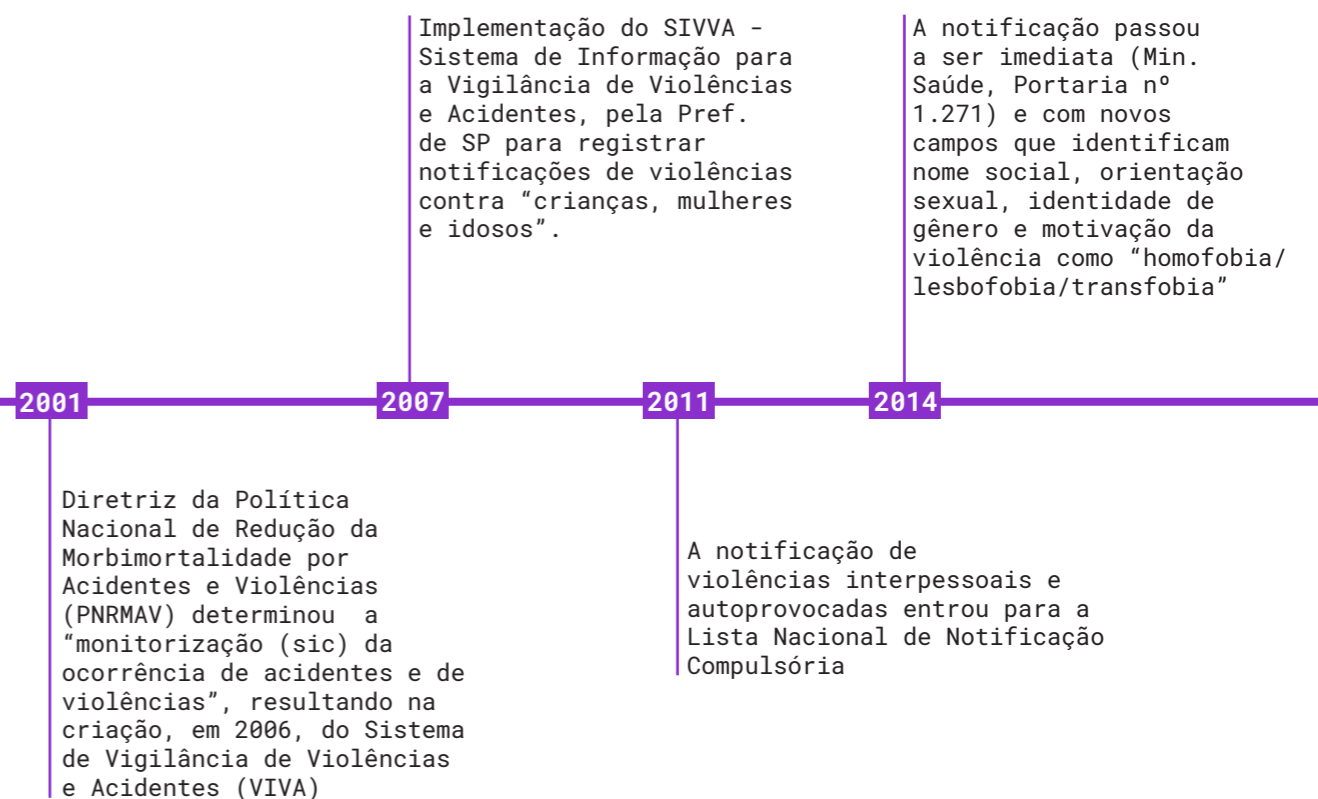
46% DAS VÍTIMAS POSSUI ATÉ 29 ANOS

A PRODUÇÃO DOS DADOS SOBRE VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS NA LINHA DO TEMPO

LINHA DO TEMPO DOS DADOS SOBRE "HOMOFOBIA/TRANSFOBIA" DA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE SP



LINHA DO TEMPO DOS DADOS SOBRE "HOMOFOBIA/LESBOFOBIA/TRANSFOBIA" DO SISTEMA DE INFORMAÇÃO DE AGRAVOS DE NOTIFICAÇÃO (SINAN) DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)



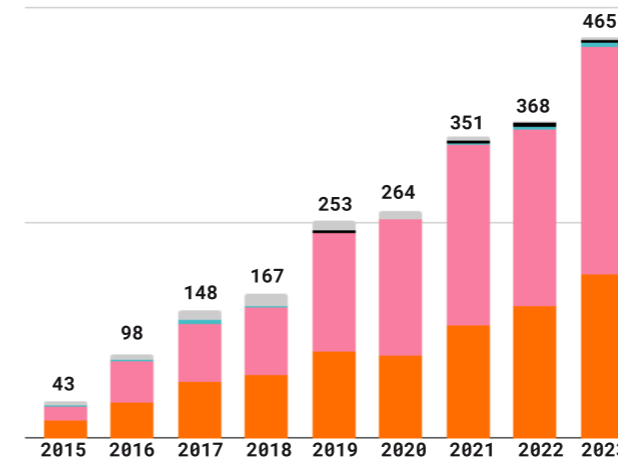
A VIOLÊNCIA LGBTFÓBICA CRESCEU 970% DESDE 2015 NAS NOTIFICAÇÕES DA SAÚDE

Entre **2015 e 2023**, houve um **aumento de 970%** do total de notificações de “**homofobia/ lesbofobia/ transfobia**” na **Saúde**. No mesmo período, o crescimento de notificações de **vítimas brancas** foi de **840%**, enquanto o de **vítimas negras** foi de **1.441%**.

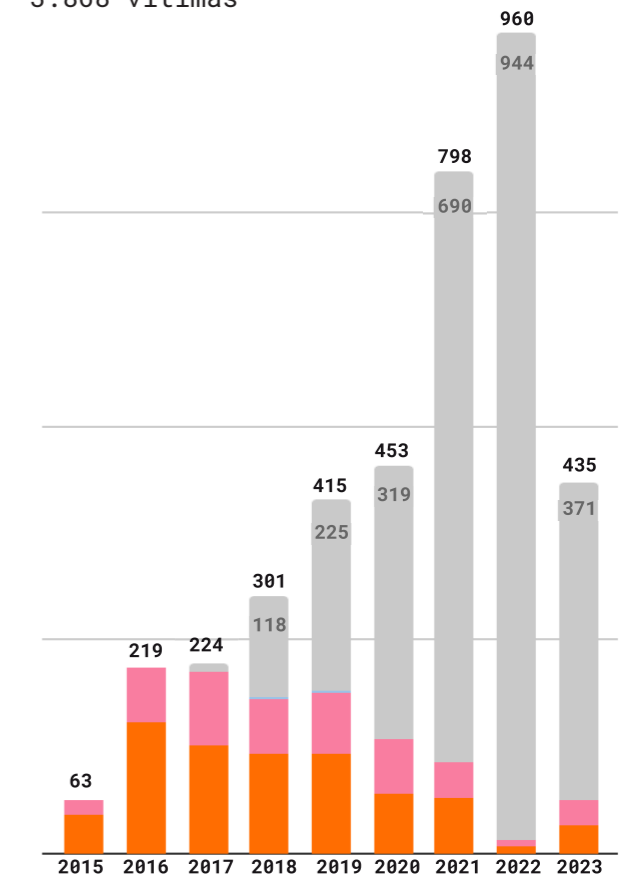
Ao contrário das informações da *Saúde*, **os dados da Segurança Pública quanto à notificação de raça/cor da pele perderam qualidade**, impossibilitando a leitura do perfil racial de quem sofre LGBTfobia e denuncia via B.O.

Dentre as vítimas de casos registrados por **Boletins de Ocorrência, o crescimento foi de 1.424%** entre 2015 (primeiro ano em que “homofobia/transfobia” passou a ser utilizado como categoria de intolerância) e 2022. A aparente queda em 2023 não pode ser confirmada como uma redução das ocorrências, visto que os dados mais recentes demoram para ser consolidados. Consultas futuras a dados serão necessárias.

SAÚDE
2.298 vítimas



SEGURANÇA PÚBLICA
3.868 vítimas



branca negra amarela indígena não informado

DADOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

AUMENTARAM 15 VEZES OS BOLETINS DE OCORRÊNCIA LGBTFÓBICA ENTRE 2015 E 2022

DADOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

AUMENTO DOS REGISTROS DE OCORRÊNCIAS TEM RELAÇÃO COM A MELHORA DO ACESSO À DENÚNCIA

O crescimento expressivo dos B.O. de LGB-Tfobia registrados pela *Seg. Pública* está relacionado à implementação do **B.O. eletrônico**, que permite o registro online da ocorrência dispensando a ida até uma delegacia, **melhorando o registro das violências**.

Em 2021, quando houve maior incremento anual de denúncias - 71% em relação a 2020 - os B.O. online cresceram 105%, representando 8 em cada 10 denúncias de LGB-Tfobia naquele ano.

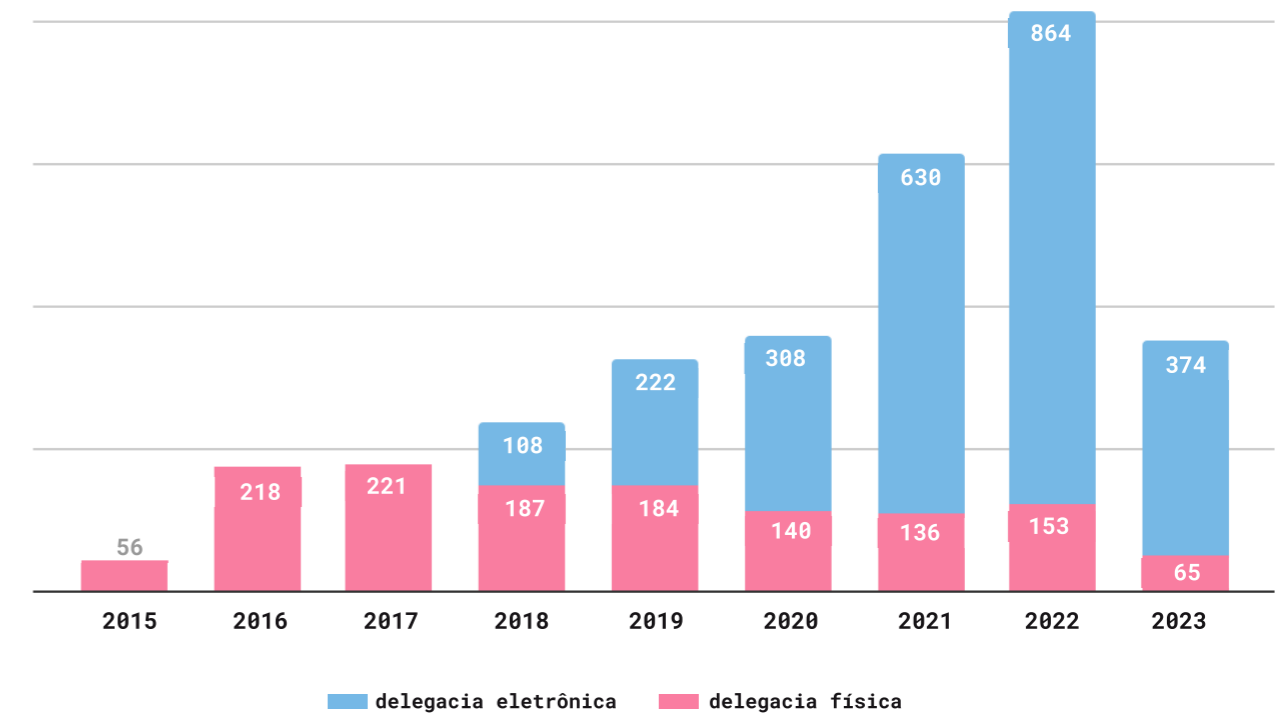
Este padrão de crescimento das ocorrências sugere que os números de anos anteriores são reflexo da subnotificação das denúncias de violências, possivelmente, provocada pela falta de acesso aos canais de denúncia.

A melhora do acesso a canais de denúncia de violências LGB-Tfóbicas possibilitou um aumento de registros feitos por mulheres: dentre os registros online, elas são 51% (homens são 49%), enquanto nos registros presenciais, são apenas 32% (homens 65%).

O B.O. online corresponde a 82% das denúncias de “homofobia/transfobia” ocorridas nos distritos de menor renda da capital paulista. Já nos distritos de maior renda, corresponde a 72% do total. A diferença de 10 p.p. sugere que a delegacia eletrônica também favorece o acesso à denúncia para áreas de menor renda.

SEGURANÇA

Número de registros de B.O. por tipo de delegacia



1/3 DAS VÍTIMAS DE LGBTFOBIA NÃO TIVERAM SUA IDENTIDADE DE GÊNERO OU ORIENTAÇÃO SEXUAL IDENTIFICADAS

67% das vítimas de violências LGBTfóbicas registradas pelos dados da *Saúde* tiveram sua *identidade de gênero* e/ou sua *orientação sexual* identificadas, respectivamente, como transsexuais (independente da orientação sexual) homossexuais e/ou bissexuais (independente de sua identidade de gênero).

As categorias de identidade de gênero são: “travesti”, “homem transexual” e “mulher transexual”. Não existem outras categorias como pessoas não-binárias, intersexuais, homens cis, mulheres cis, etc.

A categorização da orientação sexual também é limitada, identificando apenas: “homossexuais (gay/lésbica)”, “bissexuais” e “heterossexuais”.

Não foram consideradas vítimas com idade menor ou igual a 10 anos, visto que, nesses casos, o sistema preenche automaticamente o campo de *identidade de gênero* e de *orientação sexual* como “não se aplica”.

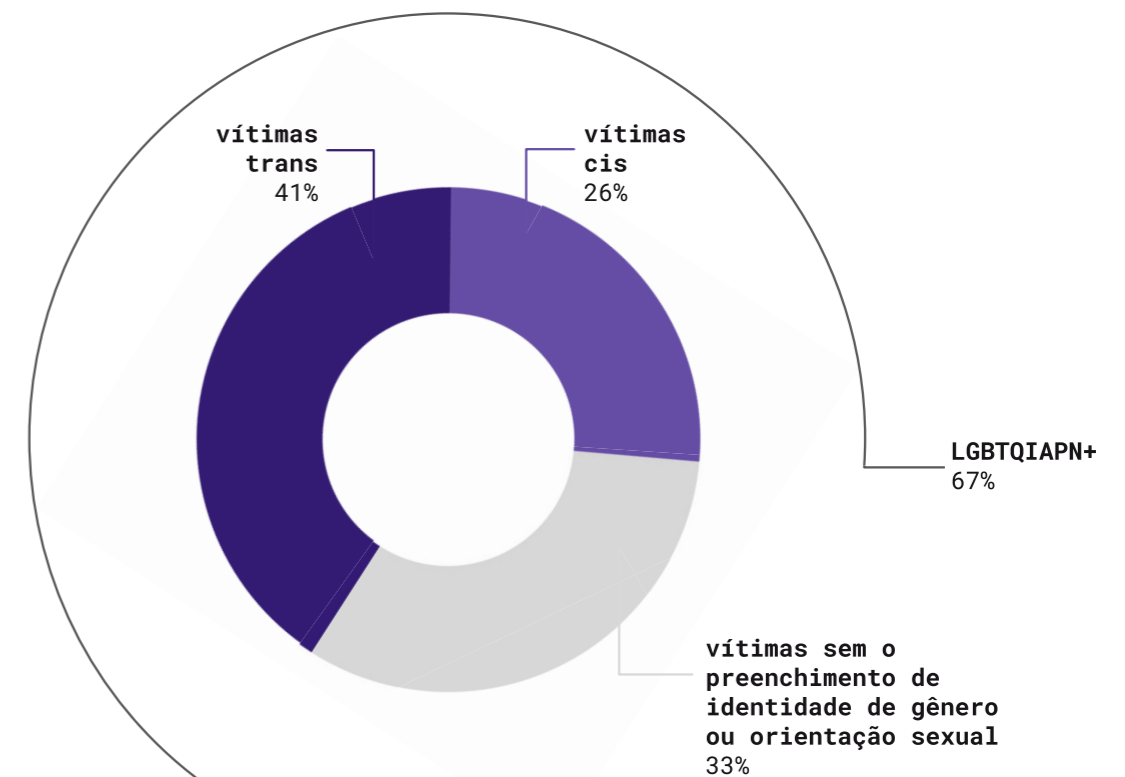
Homossexuais (gay/lésbica) são 37% do total de vítimas, sendo 2/3 do sexo masculino.

8% são bissexuais, em que 54% é do sexo feminino.

Quanto à identidade de gênero, pessoas trans e travestis representam 41% do total: dentre essas, 53% são mulheres transexuais, 35% são homens transexuais e 12% são travestis.

SAÚDE

Identidade de gênero e/ou orientação sexual da vítima



OS DADOS DA SEGURANÇA PÚBLICA NÃO REGISTRAM ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO DAS VÍTIMAS DE LGBTFOBIA

SÍNTESE DOS DADOS DA SEGURANÇA PÚBLICA SOBRE OCORRÊNCIAS DE LGBTFOBIA

QUEM

Pessoas do sexo masculino são a maior parte das vítimas de LGBTfobia (56%). Entretanto, nos distritos com menores rendas, vítimas do sexo feminino são a maioria: 51%. Em Marsilac, Parelheiros e Socorro, por exemplo, mais de 60% das vítimas é do sexo (sic) feminino.

ONDE

Mais de dois terços das ocorrências de LGBTfobia registradas por B.O. (70%) ocorreram em espaços públicos (vias, transportes, praças, parques) ou estabelecimentos de uso público (espaços de lazer, restaurantes, bares).

Na via pública, 53% das vítimas é do sexo masculino e 46% têm até 29 anos.

As ocorrências registradas pela *Seg. Pública* possuem um padrão mais central na cidade em relação aos registros da *Saúde*. Locais de sociabilidade, encontro e consumo configuram territorialidades LGBTQIAPN+, mas também significam riscos para pessoas LGBTQIAPN+.

QUANDO

59% das ocorrências registradas pela *Segurança Pública* ocorreram das 6h da manhã às 18h da tarde: a violência LGBTfóbica não se resume às agressões noturnas e acontecem em cenas cotidianas nas ruas, nos transportes, no trabalho, e estabelecimentos de comércio e serviços à luz do dia.

As ocorrências à noite e madrugada correspondem às violências mais graves. 57% das ocorrências de lesão corporal aconteceram à noite ou na madrugada.

QUAIS CRIMES

Injúria, ameaça e lesão corporal conformam a maior parte dos Boletins de Ocorrência: 53%, 17% e 10% respectivamente.

AVANÇOS E NECESSIDADE DE MELHORIAS

Os registros de B.O. online têm facilitado o acesso à denúncia, principalmente entre vítimas do sexo feminino: dentre os registros online, elas são 51% (sexo masculino, 49%), enquanto nos registros presenciais, são apenas 32% (sexo masculino, 65%).

A altíssima subnotificação de dados sobre raça nos registros da *Segurança Pública* é um problema decorrente da inexistência de campo adequado para o preenchimento dessa informação justamente nos B.O. feitos online.

SÍNTESE DOS DADOS DA SAÚDE SOBRE VIOLÊNCIAS LGBTFÓBICAS

QUEM SOFRE

A maioria das vítimas é do sexo masculino, mas as do sexo feminino são a maior parte das vítimas dentro da própria residência, 59%, e em distritos de menor renda, 54%.

55% das vítimas totais são negras: mais do que a porcentagem geral da cidade de São Paulo (43%)

Bissexuais correspondem a 8% do total de vítimas, sendo que 46% delas são negras e 54% do sexo feminino.

Das vítimas homossexuais (gay/lésbica), que representam 37% do total, 2/3 são do sexo masculino.

Vítimas travestis têm maior proporção de pessoas negras, 69%.

As vítimas registradas pela *Saúde* são mais jovens do que as registradas pela *Seg. Pública*: 69% das vítimas atendidas pela *Saúde* têm até 29 anos, quanto o mesmo grupo etário corresponde a 46% dos B.O.

QUEM AGRIDE

Dentre as violências cometidas na casa da própria vítima, 74% dos agressores foram identificados como parte do convívio familiar.

Nas escolas, 82% dos agressores são colegas e amigos da vítima.

Das vítimas cujos agressores foram policiais ou agentes da lei, 79% são pessoas negras, 63% são do sexo masculino e 58% têm até 29

anos.

ONDE

Quase a metade dos atendimentos da *Saúde* (49%) são casos onde a violência ocorreu dentro da própria residência, demonstrando que para este grupo as violências acontecem onde as vítimas deveriam estar protegidas.

Vítimas de LGBTfobia atendidas pela *Saúde* se concentram principalmente em distritos periféricos.

QUAIS VIOLÊNCIAS

Violências físicas, psicológicas e sexuais são a maior parte dos atendimentos: 84%.

Dentre os diferentes tipos de violência LGBTfóbica, os que tiveram maior proporção de vítimas negras foram casos de intervenção legal (100%), tortura (59%) e violência física (56%).

@institutopolis
polis.org.br